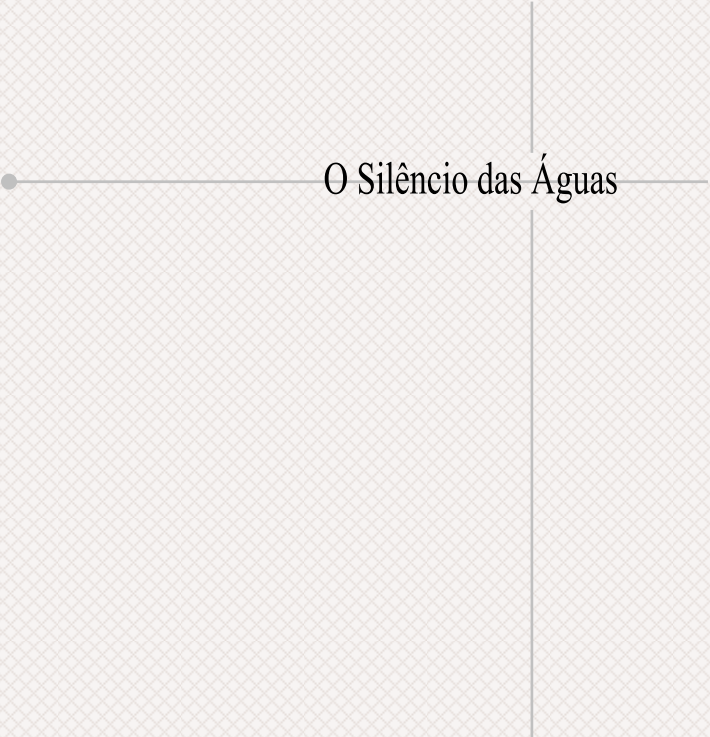


O Silêncio das Águas

Gil Cleber



Contos

A decorative graphic consisting of a horizontal line and a vertical line intersecting at the center. A small solid black circle is positioned at the left end of the horizontal line. The text "O Silêncio das Águas" is centered at the intersection of the two lines.

O Silêncio das Águas

— Gil Cleber —

O Silêncio das Águas

— Contos —



Ilustração para o conto “Ninon”:
“Ninon”, lápis sobre papel, 42,0 x 59,4 cm
Ilustração da contra-capas:
“Árvore”, lápis sobre papel, 29 x 42 cm
Ambos desenhos de Gil Cleber
Ilustração da capa:
“Waldnymphe”, Paul Hermann Wagner
Composição da capa: Gil Cleber

© Gil Cleber Duarte Carvalho

O conteúdo deste livro não poderá ser alterado, reproduzido nem utilizado comercialmente. Pode, no entanto, ser redistribuído, em formato eletrônico ou impresso, desde que gratuitamente.

Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional.

Nota essencial:

Sendo o autor terminantemente contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato e site do autor:

gilcarvalho959@gmail.com
www.gilcleber.com.br

Triângulo	- 9 -
Absolvição	- 12 -
Os olhos do cisne	- 16 -
Na encosta do monte	- 27 -
Pernoite	- 48 -
Uma historinha sórdida.....	- 57 -
O visitante daquela tarde.....	- 62 -
Três senhoras numa tarde de setembro.....	- 76 -
O silêncio das águas	- 80 -

Triângulo

Por fim acabava-se...

Afastamo-nos arquejantes e desorientados, encarando-nos com estranheza e horror. Então me virei e, tremendo, curvei-me sobre a cômoda.

Depois voltei a olhar: meu irmão, sentado a um canto e de olhos baixos, acendera um cigarro.

Ouvi sinos ao longe?...

Porém os anjos, esses anjinhos infantis de asas brancas que me acompanhavam desde a infância, moviam-se alvoroçados em volta de mim.

Na cama, o corpo, o silêncio...

— Não serei de nenhum outro homem — ela nos disse num daqueles dias luminosos de nossa adolescência — mas não posso escolher entre vocês dois, assim pertencerei a ambos.

Éramos meninos: Antenor, meu irmão, acabara de completar dezesseis, eu tinha um ano a menos. Irene, ninfa ou valquíria, doze. Foi quando passamos a fugir de nosso quarto à noite para estar com ela, protegidos da luz da rua pela sombra das altas árvores do jardim.

Éramos meninos, por isso não tínhamos noção do crime, tampouco do pecado: amávamos Irene com intensidade mas também com a leveza duma brincadeira, e os anjinhos barrocos que povoavam meus dias vinham com seus corpos irisados pelo sol poente brincar de roda ao meu redor.

Antenor agora chega à janela, ergue a vidraça e uma aragem enche o quarto.

Na cama, o corpo esfria.

Vinte andares abaixo, asfalto afora, uma viatura — estridente sirene — passa veloz.

Os rumores da cidade figuram um longínquo gemido.

— Luís... — ele começa, o cigarro entre os dedos nervosos, e se cala.

Em pensamento eu respondo: “Se tivéssemos asas agora...”

Sento-me na poltrona, distante da cama, e reclinando a cabeça para trás fecho os olhos.

“Se não fôssemos malditos...”

Não, não éramos rivais: mais que irmãos, fomos cúmplices na mesma delícia.

Cabia a Irene a escolha daquele com quem *brincaria* à noite, mas nunca deixava de lado por muito tempo um de nós para estar só com o outro. Posso quase assegurar que esteve com cada um o mesmo número de vezes, por isso não havia motivos para ciúme — mesmo porque não fazia sentido de nossa parte a idéia de posse: era ela — e sempre fora — quem nos possuía.

Como foi então que o ciúme — esse não anjo, mas demônio — ocupou o centro daquele triângulo?

— Morrerei por vocês — Irene nos disse quando percebeu um estranho lampejo em nossos olhos.

Já se haviam passado muitos anos desde os dias de nossa adolescência, e a menina transformara-se numa mulher linda e meiga, que, não sei por quê, dava-me uma impressão aflitiva de desamparo.

Sentada no sofá, as mãos inertes no colo, encarou-nos com seus grandes olhos tristes.

— Sinto que morrerei por vocês — repetiu. — Isso não importa, mas não quero que se percam. (Nesse dia os anjos mantinham certa distância, cautelosos voavam em torno olhando-se entre si, em expectativa.)

Irene era virgem quando começamos, uma menina, uma quase criança, e foi através de mim que ela se iniciou.

Fora este o motivo de nossa fúria? Penso que não: já fazia muito tempo e Irene sempre se dividia entre nós, sua ternura um pêssego maduro partido ao meio cujo néctar por igual provávamos.

Então por que aquele estranho lampejo com o tempo incendiou-se?

Por que o amor que nos ligava a Irene converteu-se, entre mim e meu irmão, em disputa e ódio?

Mas hoje, por fim, acabou: ao entrar, Antenor encontrou Irene dormindo.

Eu me vestia no banheiro; voltando ao quarto os vi enlaçados sobre a cama, as mãos dele — seus dedos fortes e rústicos de estivador — ao redor do pescoço dela.

Corri, tomado de assombro, mas Irene tinha no rosto uma expressão tranqüila, embora a vida já se houvesse apagado de seus olhos.

Gritei, puxei Antenor pelos ombros, atracamo-nos com fúria.

Os anjos, impetuosa turbamulta, em desordem sobrevoavam, batiam freneticamente as pequeninas asas...

— Ah, Luís... — escutei-o ainda uma vez, um soluço, de costas para mim, apoiado no peitoril da janela.

Reagi com imprevista rapidez, eu que nem me julgava tão forte e tão preciso, e agora o corpo de meu irmão deslizava para o tapete com o pescoço partido...

Uma das mais antigas lembranças que tenho de nós três é da infância, quando brincávamos à beira do lago nos fundos de nossa casa, pondo barquinhos de papel na água. Eu devia ter seis anos. Minha mãe chegava à porta e espiando em nossa direção, dizia:

— Meninos!

Olhávamos:

— Cuidem bem de sua irmãzinha — recomendava com um aceno e um sorriso, entrando em seguida.

Éramos já um triângulo, e a semente do amor — e da loucura — esperava o tempo de germinar.

O corpo de Irene está frio agora sobre a cama, mas ainda sorri. No tapete, Antenor parece dormir, mas aos poucos esfria também.

Os anjos, ressabiados, esvoaçam lentos daqui pr'ali, tão só observando.

Arranco minha camisa...

(Terei asas?)

Que amplas as vidraças, que vastidão além delas! E quando me encaminho para lá os anjos formam duas filas no ar entre as quais eu passo, e subo no peitoril.

À porta dos fundos, perdidos no tempo o gesto de nossa mãe e sua voz canora:

— Cuidem bem de sua irmãzinha!

“Nós tentamos, mãe, mas fracassamos.”

Sinos tocam ao longe...

...e do vigésimo andar

eu alço vôo.

Absolvição

Zeno e eu somos irmãos gêmeos.

Gêmeos — mas desde a infância pouco parecidos. Postos um ao lado do outro, não se diria que fôssemos irmãos, e comparando-se o comportamento de cada um com mais razão duvidar-se-ia de qualquer parentesco entre nós.

Nossa mãe, viúva, suportava com tristeza e resignação o tanto que, dia a dia, Zeno e eu nos distanciávamos um do outro. Cristã devota desde a juventude, nos domingos de nossa meninice levava-nos à Escola Dominical, mas enquanto eu me vestia com satisfação para acompanhá-la, absorvido desde cedo pelo mistério dos ritos sagrados, meu irmão insurgia-se, seguia-nos com má vontade enquanto pequeno, até desertar de vez de nossa companhia na adolescência. Nossa mãe escondia suas lágrimas num lenço durante o culto enquanto de joelhos pedia em suas orações a Deus para que o filho rebelde se emendasse, sabendo contudo que ao voltarmos para casa teríamos de nos haver com péssimas novidades: Zeno fora pego roubando dentro de alguma casa, ou teria espancado algum menino da vizinhança, ou por maldade destruíra alguma horta, queixas que, à medida que crescíamos, faziam-se mais freqüentes e graves. Minha mãe persistia em suas orações mas Deus tardava em atendê-la, e quando eu fazia uma alusão a essa demora ela me abraçava, apertando-me contra seu peito, “Deus sabe a hora certa para cada coisa, meu querido” e procurava compensar-se dos desmandos do outro através da minha fé ingênua e infantil carolice.

Meu irmão foi preso pela primeira vez aos dezessete anos, drogando-se, e um ano depois apanhado à noite furtando numa casa onde o proprietário irrompeu de repente fazendo escarcéu. Sua situação se agravou por estar com uma arma, embora descarregada — razão decerto por não ter atirado contra o dono da casa. Nossa mãe, a saúde há muito abalada devido às preocupações com o filho desordeiro, sentiu-se piorar com esse novo desastre, e piorando cada vez mais morreu, certa tarde, nos meus braços, derramando sua última lágrima e fazendo-me prometer que cuidaria de seu menino, “que ele só terá você agora, meu filho”.

Zeno esteve fora todo o dia — tornara-se aliás comum passar dias e até semanas fora de casa, encharcando-se de entorpecentes e metendo-se em confusões. Retornou, no entanto, de madrugada dois dias mais tarde e, embriagado, não conseguiu entender quando lhe falei da morte de mamãe.

Pela manhã, já sóbrio, ouviu a notícia, olhou-me durante algum tempo com uma expressão estúpida enquanto eu, mal contendo minha raiva, o repreendia — “você nem sequer estava aqui para o sepultamento!” — e, em seguida, apenas perguntou-me o que havia para comer. Porém não teve tempo sequer de ir até a cozinha: uma guarnição policial apareceu e o levou sob uma acusação que parecia grave. Corri à delegacia, mas desta vez o infeliz enrascara-se de verdade: naquela madrugada Zeno havia espancado até quase a morte uma prostituta no motel aonde tinham ido, e não satisfeito cortara-lhe o rosto, o pescoço e os seios a golpes de faca. Preso, não sairia tão cedo. Julgado, o juiz fora implacável: em face de seus antecedentes, condenou-o por tentativa de homicídio — com alguns agravantes — a doze anos de prisão.

Esteve preso cinco anos, ao fim dos quais foi posto em liberdade condicional com a advertência de que qualquer deslize o levaria de volta para as grades. O tempo de prisão, no entanto, não serviu para torná-lo melhor, apenas mais sagaz: sabendo que pelo menor delito estaria perdido, voltou a freqüentar os lugares de má fama, drogava-se e embriagava-se, mas já não se metia em brigas. Soube, contudo — aliás, ele próprio me disse, com ar de deboche —, que resolvia suas pendengas de forma traiçoeira, apanhando de tocaia seus desafetos, que vez por outra apareciam surrados ou esfaqueados em becos e vielas desertos.

Quanto a mim, durante esses últimos anos meu envolvimento com as coisas da fé fora-se tornando cada vez maior, minha assiduidade provocando comentários e elogios, já que eu não só comparecia com regularidade aos cultos, como também dedicava minhas horas de folga ao exercício de diversas atribuições, tais como a contabilidade da igreja, a organização das obras assistenciais, a instrução de missionários para o campo etc.

Fazia já dois anos que meu irmão fora posto em liberdade; estávamos em fins de julho, e até o fim do ano deveria formar-me em teologia e ordenar-me pastor em Janeiro, data também escolhida para meu casamento com uma jovem de muitos méritos, a bela Annelise Sobrinho, filha única do presbítero Sobrinho, um dos mais respeitáveis membros daquela comunidade evangélica.

Meu futuro parecia definido, todos me olhavam com admiração vendo em mim o futuro grande pregador, um verdadeiro homem de Deus, e as famílias eram unânimes em reconhecer a graça do Senhor sobre a casa do presbítero Sobrinho, “que destinou à sua filha um servo ungido, caríssimo irmão, ungido pelo Espírito Santo!”

Uma noite, porém, algo aconteceu.

Era um domingo, o templo encontrava-se cheio pois tratando-se de um culto aberto havia numerosos visitantes e, tendo eu abordado uma passagem importante das Escrituras acerca da grandiosidade e excelência do

sacrifício de Cristo pelo homem, finalizei com uma oração de graças e fui sentar-me junto ao púlpito. Em dado momento vagueei as vistas pela igreja repleta enquanto os fiéis, as faces transfiguradas, entoavam um hino, e então... então me desliguei de tudo e mal cheguei a perceber que o hino chegara ao fim e o pastor principiava a pregação principal daquela reunião. De súbito, por um instante muito breve, tudo me pareceu irreal ao meu redor, como se eu estivesse em transe, e fui tomado por uma espécie de... como dizê-lo? Fastio? Sim, esta é a palavra que descreve o que senti naquele momento: fastio.

Estaria eu fatigado devido a todo meu envolvimento — que já vinha de muitos anos — com os interesses da fé e com o acúmulo de funções na igreja? Mas seria mesmo apenas cansaço? O que se passou comigo naquele momento em que toda a congregação reunida pareceu-me subitamente estranha, distante, dissolvendo-se aos meus olhos?

Não tenho — nem aventuro — qualquer resposta.

Naquele instante levantei-me sem titubear e caminhei seguro e tranqüilo entre as fileiras de bancos na direção da saída. Num dos últimos bancos, meio escondido — por isso não o tendo visto antes —, Zeno, sóbrio, limpo e barbeado parecia atento às palavras do pastor. Sorri de mim para mim mesmo ao vê-lo, mas ele não me viu, e quase sem me deter, com passo firme e uma resolução que parecia tomada há muito tempo mas com a qual só então eu atinava, deixei para sempre a casa de Deus.

Zeno e eu, como disse, somos irmãos gêmeos, mas não nos parecemos.

Desde aquela noite — cheia de mistério para mim — menor ainda se tornou qualquer semelhança entre nós. Enquanto meu irmão rebelde era acolhido no seio da igreja como um igual entre os outros, eu me vi, pouco a pouco, submergir naquele mundo que ele, sabe-se lá como e por quê, havia abandonado.

O que posso contar de mim agora? Que abusei de crianças, espanquei mulheres, destruí lares, matei, roubei...? Trivialidades, decerto, como esse incidente de alguns dias atrás, quando numa viela escura esfaqueei um sujeito que naquela manhã se atvera a cobrar-me uma dívida de jogo, largando-o lá, num poça de sangue, com a lâmina alojada na barriga... (não morreu, vim a sabê-lo depois, e soube também que ele tampouco desconfia de quem o golpeou) Trivialidades, como eu dizia, apenas trivialidades...

Será redundante dizer que eu e meu irmão encontramos enfim, cada qual a seu modo, nossa absolvição, e que vivemos nossa vida num misto de delírio e doce encantamento?

Bem, verdade é que, pelo menos para mim, há ocasiões bastante aborrecidas, como ainda há pouco, em que bateram palmas aí fora justo

quando eu cheirava minha quarta carreirinha de pó: fui ver, e lá estava o pastor Zeno com sua distinta senhora, dona Annelise Sobrinho, a fim de participar-me o aniversário de sete anos de seu filho mais velho e convidar-me para a cândida festinha de logo à noite.

Bati-lhes a porta na cara e voltei para dentro.

Corri ao banheiro para vomitar. De passagem defronte ao espelho, encarei-me. Por que eu estremeço agora ao me olhar no espelho? Por que, sempre que me olho, deparo com a face de meu irmão Zeno do outro lado? De onde surgiu essa semelhança, nunca percebida, que ao mesmo tempo me espanta e me apavora?

Os olhos do cisne

então um cisne veio do céu para namorar Lêda

eu também me chamo Lêda mas não tenho um cisne o que eu tenho
são os olhos azuis e os cabelos longos loiros sou uma menina

não sou feia sei disso porque todos dizem que sou bonita

bonita eu sei que fico quando passo batom vermelho cor e sabor de
cereja mas minha mãe diz que ainda sou muito nova para usar um batom
assim

não sei o que uma coisa tem a ver com a outra a idade com a cor que
cor de batom uma menina usa aos doze anos

batom cereja

cor e sabor de cereja

o que eu gosto mesmo é de sentar diante do espelho da penteadeira
e ficar me olhando

fico ali e me esqueço do tempo

daí eu solto os cabelos deixo-os cair sobre o rosto e fico olhando-me
através dos fios como através de um véu

soltos os meus cabelos caem até os quadris e porque são assim com-
pridos eu costumo fazer outra coisa

mas só faço isso quando estou só em casa ou então à noite quando
vou dormir e tranco a porta pois minha mãe é muito bisbilhoteira e se visse
decerto me daria uma bronca

o que eu faço é sentar-me diante da penteadeira soltar os cabelos e
começar a penteá-los bem devagar depois passo o batom vermelho nos
lábios bem forte chega até a borrar um pouco daí eu sorrio adoro meus
dentes branquinhos aparecendo assim entre os lábios tingidos de vermelho

então eu tiro a blusa e deixo de fora meus peitinhos eles ainda são
pequenos e eu gosto de acariciá-los pois são meus sinto-os mais meus nessa
hora então volto a pentear os cabelos e cubro com eles meus peitos sento-
me bem ereta e vejo entre as mechas os biquinhos aparecerem como dois
animazinhos curiosos

é então que eu imagino um grande cisne branco descendo do céu e
pousando na janela do meu quarto ele vem e pousa na janela e estica o
pescoço comprido para dentro espiando tudo investigando todos os recan-
tos até que seus olhos pousam no meu corpo e eles são negros

minha mãe às vezes ralha às vezes é ranzinza e me dá bronca mas eu sei o quanto ela se esforça por nós duas pois somos só nos duas

sempre fomos só nós duas e é por isso que eu paro à vezes diante do porta-retratos sobre a cristaleira na sala e fico olhando aqueles olhos que parecem vivos no papel os olhos do meu pai

seria bom eu penso olhando o retrato se fôssemos os três

minha mãe certa vez pegou o porta-retratos e com ele no colo falou do pouco tempo em que estiveram juntos eu era bem pequena quando me falou dele pela primeira vez

ele era um homem bom disse minha mãe ter-nos-ia amado muito se não fosse a enfermidade

meu pai era forte havia ganhado a maratona militar e no quartel praticava exercícios todos os dias destacava-se em todas as provas e tinha medalhas até que um dia começou a emagrecer

um tumor minha mãe disse só não dizendo onde surgira o tumor

e no fim o que restava dele eram aqueles olhos intensos e brilhantes como se toda a força toda a vida de seu corpo de atleta se tivessem concentrado neles na escuridão de sua íris para apagar-se de uma só vez quando se fechassem

ele morreu dois meses antes de você nascer ela contou

mas essa força essa vida não se apagariam de todo disse minha mãe naquele dia enquanto olhava o retrato em suas mãos e me falava dele permaneceram gravadas neste retrato e me fez olhar o rosto de meu pai no papel um homem jovem e bonito com um bigode muito bem cuidado e um olhar penetrante

meu pai meu cisne

depois desse dia minha mãe se concentrou em sua vida em nossa vida em nossa casa nada vai faltar à minha menina ela prometeu e se dividiu desdobrando-se em dois empregos para manter-me como se eu fosse a sua princesinha como ela dizia dando-me tapinhas nas bochechas mas acontecia às vezes apanhar o porta-retratos sentar-se na poltrona defronte à cristaleira e ficar a admirá-lo por muito tempo e se nessas ocasiões calhasse avistar-me por perto puxava-me para junto de si e voltava a falar-me dele

eu cresci

isto é cresci um pouco deixei de ser criança tornei-me adolescente dizem que as adolescentes às vezes infernizam suas mães mas isso não é verdade eu e minha mãe nos damos muito bem eu procuro ser obediente estudo para não ser reprovada porque sei o quanto lhe custa pagar o colégio e comprar os livros ajudo-a a lavar a louça essas coisas que nem todas as meninas fazem mas que eu faço para deixar minha mãe feliz

porque às vezes tenho pena dela coitada é ainda jovem e bonita mas parece desleixada consigo mesma como se tivesse perdido o gosto da vida

vai ver é por isso que implica com meu batom vermelho-cereja você é muito nova para usar um batom escandaloso assim ela diz

até que outro dia eu lhe respondi você é quem deveria usar um batom desses pra ver se arranja um namorado

ela me olhou com espanto decerto não podia esperar que eu lhe dissesse uma coisa assim afinal ela ainda se lembra do papai olhou-me e até parou de fazer o que estava fazendo pareceu desconcertada o vestido velho os cabelos amarrados de qualquer jeito no alto da cabeça o ar de cansaço nos olhos caídos

senti pena de minha mãe naquela hora

porque mais tarde nesse dia eu vi quando ela foi até a sala e com o retrato de meu pai nas mãos sentou-se na poltrona e depois de olhá-lo por algum tempo comprimiu-o contra o peito e começou a chorar

então eu me aproximei devagarinho e fiz-lhe uma carícia nos cabelos

depois fui sentar-me ao seu lado e retirei-lhe com cuidado o retrato das mãos o batom mãe eu disse está em cima da mesinha de cabeceira no meu quarto mas ela não respondeu baixou os olhos e se levantou

e saiu da sala

um instante mais tarde saiu de casa daí a pouco pegaria no serviço e eu fiquei só

então corri para o quarto com o retrato fui colocá-lo em cima da penteadeira sentei-me defronte ao espelho soltei os cabelos despi a blusa e as mechas longas cobriram meus seios ainda pequenos

então tingi os lábios

cor e sabor de cereja

quando terminei sorri os dentes apareceram discretamente brancos e perfeitos neles sobressaindo as pequenas manchas vermelhas do batom

sentei-me ereta na cadeira e afastei pouco a pouco os cabelos descobrindo os biquinhos róseos os pequenos volumes dos meus peitinhos

e me pus de pé desatando o cordão do *short* deixando-o cair

fiquei nua

olhei então o retrato de meu pai sobre a penteadeira e seus olhos no papel pareciam fixos na pureza do meu corpo

por que você não está aqui comigo agora pai

apanhei o retrato e o apertei contra meu corpo fechando os olhos e foi então que vi aquela luz fulgurante que nunca tinha visto

e o cisne ao descer dos céus envolveu Lêda com suas grandes asas

então teve um dia em que minha mãe perguntou-me por aquele batom que eu não gosto que você ponha e quando a vi sair de casa toda arrumada no brilho dos olhos uma alegria que eu não conhecia soube que o retrato de meu pai agora seria somente meu e mudou-se definitivamente de lugar

da sala para a penteadeira do meu quarto
agora minha mãe parecia mais jovem quase uma menina feito eu já
não andava com os cabelos desalinhados escolhia um bom perfume um
bonito vestido e suas faces estavam mais coradas

seu sorriso mais luminoso

não em nenhum momento deixou de cuidar de mim pelo contrário
fazia-me pousar a cabeça em seu colo e punha-se a acariciar meu cabelo e
quando eu lhe perguntava por que ela parecia tão diferente não dizia nada
não dava uma resposta direta dizia apenas que as coisas iriam mudar já
estão mudando e beijava-me a testa

eu que não sou boba sabia que ela tinha era arranjado um namorado
do contrário pra que o batom o perfume os vestidos bonitos
e foi num sábado à hora do almoço

quando entrei em casa voltan-
do do mercadinho aonde fora
comprar uma dúzia de ovos

que o vi
e parei de súbito na porta
estava sentado no sofá da sala com um copo na mão uma camisa fina
de malha fazendo ressaltar os músculos firmes e poderosos de atleta

o cisne

o bigode negro e bem cuidado

os olhos intensos e profundos

meu pai

sorriu-me ao ver-me e nesse momento minha mãe entrou na sala
olá querida ela disse venha conhecer o amigo da mamãe
mas eu continuava parada imóvel sem saber o que fazer
venha querida disse minha mãe e para ele esta é Lêda minha filha
oi Lêda ele disse acenando-me e foi como um distante bater de asas
então deixei cair a caixa de ovos e corri espavorida para o meu quar-
to

e ali diante da penteadeira olhando o retrato de meu pai seus olhos
pareceram apagar-se e eu me dei conta de que ele estava mesmo morto
atirei o retrato para o fundo de uma gaveta o som de asas provindo
da sala e entrando em meu quarto pela porta aberta

*o cisne então aproximou-se enroscou o longo pescoço no corpo de Lêda e foi bicar
seus lábios de romã*

e agora era assim os sábados e os domingos ele passava conosco
durante a semana minha mãe ia para o trabalho e não tinha tempo
de namorar ele também tinha um emprego mas não sei em quê viajava às
vezes a serviço da empresa ouvi quando ele contou para minha mãe e en-

tão só se falavam pelo telefone mas os finais de semana passava sempre conosco

chegava pouco antes do almoço e sempre trazia alguma coisa pronta que minha mãe só levava ao forno

e vez por outra bebiam vinho

minha mãe negou quando lhe pedi um pouco de vinho dizendo que eu era criança e só podia beber refresco mas ele não consentiu não fará mal algum ele disse provar uma taça de vinho

não vá pôr a moleca em mau costume disse minha mãe fingindo beliscar-lhe o braço quando ele estendeu-me a taça já o imagino fazendo-lhe todas as vontades quando

e mamãe se pôs vermelha sem coragem de continuar quando ele disse olhando-a com malícia quando o quê ora Felipe

mas eu entendera muito bem

quando ele estivesse morando conosco foi o que ela quase havia dito e então eu soube que eles iriam ficar juntos em breve

isto não é fazer-lhe todas as vontades ele disse e curvou-se beijando mamãe na face é depositar confiança nela só isso

eu bebi o vinho devagar olhando ora um ora outro mamãe se levantou ainda encabulada para retirar a mesa e ele

Felipe era como se chamava

ele olhou-me piscou para mim como se dissesse vencemos

eu bebia o vinho devagar sorri detrás da taça e imaginei que ele estaria vendo meu sorriso através do vidro

e desejei que ele estivesse vendo meu sorriso através dos fios do meu cabelo com eu fazia diante do espelho

um dia ele foi sentar-se no banco sob as árvores do jardim mamãe estava no banho então eu me aproximei sem que ele percebesse e o fiquei observando por algum tempo

até que ele se deu conta de que havia alguém mais no jardim e virou-se viu-me a alguns passos do banco

quando vocês vão se casar eu perguntei avançando e ele sorriu ainda não sabemos disse

mas demora

não muito

eu fiquei quieta alguns instantes de cabeça baixa examinando minhas mãos minhas unhas embora não houvesse nada nelas para ser examinado

meu pai gostava muito de minha mãe eu disse por fim

acredito ele disse sua mãe é uma grande mulher

gostava muito mesmo repeti

e o encarei

você se parece muito com meu pai
é mesmo ele perguntou olhando-me com uma certa surpresa
sim eu disse e portanto deverá gostar da minha mãe do mesmo jeito
e sustentei-lhe o olhar intenso

o olhar do cisne

o olhar de meu pai

Felipe sorriu parecia pouco à vontade agora
eu teria amado muito o meu pai eu disse
imagino que sim ele respondeu você deve ser uma filha muito carinhosa

se o tivesse conhecido mas só o conheci pelo retrato que minha mãe
mandou pôr no porta-retratos

calei-me por um instante baixando os olhos indecisa
eu o teria amado muito repeti olhando-o sorrateiramente
sim você o amaria como uma boa filha ele disse
não eu disse não como uma boa filha não assim

Felipe pareceu não entender eu mesma não entendia bem o que estava dizendo

mas não o conheci continuei mudando de rumo só do retrato e do
que minha mãe conta sobre ele minha mãe o amava e sofreu muito com a
morte dele eu ainda nem havia nascido

ela me falou sobre isso
e agora ela o conheceu e vocês vão se casar
sim é o que pretendemos
você a ama
sim eu a amo
mas tem um problema eu disse
um problema ele disse qual quis saber
é que

eu comecei um pouco insegura e fiz uma pausa baixando os olhos
para minhas mãos que remexia uma na outra sem saber como prosseguir
mas em seguida resoluto é que como você se parece muito com o meu pai
minha mãe pode estar apenas procurando alguém para substituí-lo

ele se espantou sorriu pôs-se sério pareceu pouco à vontade
talvez apenas queira um homem parecido com ele para imaginar que
o tem de volta

encarei-o

na cama eu disse e baixei os olhos repeti para imaginar que o tem de volta na cama

não esperei por sua reação voltei-lhe as costas e me afastei devagar
naquela tarde quando Felipe e minha mãe saíram eu fui para o meu quarto e me despi diante do espelho

o batom cereja estava ali
nada do que eu dissera a Felipe naquela tarde me havia ocorrido antes e só agora diante do espelho os lábios tingidos os mamilos tingidos um círculo vermelho em volta do umbigo uma seta abaixo do umbigo apontando para baixo eu percebi que havia disputado com minha mãe a memória de meu pai e agora disputaria com ela o corpo dele reencontrado no de Felipe

então eu imaginei que se Felipe se parecia com meu pai isto não bastava era pouco Felipe não podia apenas parecer-se com meu pai
tinha isto sim de *ser* ele

depois daquela tarde fiquei duas semanas sem aparecer-lhe quando ele vinha

ele chegava e eu me escondia no quarto não ia para a mesa alegando dor de cabeça mal estar febre qualquer coisa e minha mãe já acostumada com minhas esquisitices não insistia

um domingo à noite Felipe assistia TV na sala e minha mãe estava outra vez no banho iriam sair daí a pouco para irem ao cinema

então eu apareci de repente na sala e Felipe sobressaltou-se com minha súbita presença

eu vestia uma camisolinha transparente e nada por baixo

Felipe eu disse

ele me olhava como se não acreditasse no que via e eu disse

quando soube que minha mãe tinha um namorado fiquei feliz porque eu pensei meu pai seria só meu ainda que apenas na lembrança e no retrato

eu disse isso sem me dar conta das palavras que saíam de minha boca sem que eu pensasse nelas dizia uma a uma olhando-o nos olhos

mas quando o conheci percebi que você não só se parece com meu pai como você é igual a ele não você e ele são quase a mesma pessoa

fiz uma pausa o corpo inteiro tremendo

não você e ele são a mesma pessoa

você não devia Felipe começou gaguejou um pouco parecia aturdido mas eu não lhe dei tempo

eu preciso que você e ele sejam a mesma pessoa eu disse para amar você do mesmo jeito que amei a ele

e agora eu estava parada diante dele então fiz cair uma alça da camisolinha deixando nu um dos seios e encarei Felipe por um longo tempo

por fim sorri me recompus e me afastei devagar deixando-o lá assombrado

você não esqueceu o papai eu disse para minha mãe uns dias depois você o reencontrou no seu namorado

minha mãe fez uma cara me olhou como se tivesse visto um bicho-papão

que idéia é essa menina ela disse meio sorrindo meio zangada
ele é igualzinho ao papai

não é não ela negou existem muitas diferenças entre os dois
pode ser mas a cara de um é o focinho do outro

menina ela quase gritou você está ficando muito abusada pare de falar essas coisas pois uma hora você pode falar perto dele e ele não vai gostar

eu fiquei quieta por alguns momentos por fim disse
mas que se parecem parecem

minha mãe deu de ombros talvez tenham sim alguma semelhança
ela admitiu baixando a cabeça mas oh e então olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas eu amava muito o seu pai Lêda

eu sei mamãe

eu o amei tanto que todos esses anos

eu sei mamãe todos esses anos você não teve um namorado

e ela fez que sim com a cabeça

mas vai dar certo mamãe eu perguntei

o quê filha

ficar com alguém que se parece com ele só por se parecer com ele

ela deu de ombros outra vez

não quero pensar nisso agora filha nem falar disso agora deixa-me confusa e eu não sei o que dizer

eu fiquei quieta pobre mamãe pensei e não falei mais no assunto

mas o caso de mamãe era o mesmo que o meu pois eu gostava de olhar o retrato de meu pai e de despir-me diante do espelho tingir meus lábios de vermelho com o retrato dele em cima da penteadeira

e imaginando que ele bem que poderia estar ali olhando-me

olhando a sua filhinha bonita

mas desde que Felipe apareceu o retrato de papai foi para o fundo da gaveta não o tirei mais de lá não porque eu quisesse esquecer o meu pai por Felipe mas por eu querer que Felipe seja ele para que ele esteja presente em carne e osso quando eu me despir de fato não diante do espelho mas diante dele

eu sou virgem

e quero que seja meu pai a tirar-me a virgindade

ainda que seja Felipe quem irá fazer isso

Felipe me olha com desconfiança desde a noite em que fiz aquilo ele me olha meio ressabiado eu falo pouco com ele mas não me escondo mais quando ele vem eu apareço e falo com ele sentamos os três à mesa às vezes eu lhe passo a carne ou o refresco encaramo-nos rapidamente e eu finjo

que não me lembro de nada minha mãe nada percebeu e parece mais satisfeita por eu não andar com esquisitices

mas um dia ele estava na varanda esperando por mamãe na cadeira de balanço quando eu apareci parei bem em frente a ele e o encarei com firmeza deixando-o um tanto incomodado ainda devia lembrar-se daquela noite e se remexeu na cadeira olhando-me com um certo ar de desconforto mas eu não disse nada nem ele que não teve tempo pois então levantei minha blusinha de malha e desta vez lhe exibí os dois seios depois os cobri outra vez bem devagar e lhe sorri

e me afastei

verdade é que nesse dia eu corri um risco danado da primeira vez não pois mamãe estava no banho e iria demorar mas desta vez ela podia ter aparecido até porque eles iriam sair juntos daí a pouco e Felipe esperava por ela mas mamãe não apareceu e tudo correu bem

por fim o casamento foi marcado seria para daí a dois meses e tudo continuava na mesma

e os dias passavam devagar Felipe agora vinha quase todas as noites e sentava-se com mamãe na sala fazendo planos para a cerimônia no cartório e na igreja para a festa para a viagem de núpcias e eu ficava em meu canto espreitava-os

chegava até o corredor e punha-me a ouvi-los falar dos convidados do vestido dela do bolo e dos doces das reservas num hotel não sei onde

e os dias iam passando o casamento era coisa decidida e ambos pareciam cada vez mais apaixonados mas eu continuava no meu canto

e quando me punha nua diante do espelho era para olhar para uma garota perdida do outro lado sim eu dizia estou perdida pois agora eles existem um para o outro e eu o que foi que ficou para mim e cheguei a sentir raiva do meu pai ao lembrar-me do retrato no fundo da gaveta

não vou tirá-lo daí pensei não o deixarei ver-me outra vez por que você fez isso comigo

a última semana chegou a casa entrou em polvorosa e eu sempre em meu canto

no dia do casamento a casa encheu-se de gente conhecida parentes amigos vizinhos penetras todo mundo

e eu continuava cada vez mais no meu canto mesmo em evidência como estava pois eu era a filhinha da noiva mas que linda diziam todos mãe e filha quem diria exclamavam qual mais bonita sim minha mãe estava mesmo linda porque a felicidade faz isso torna as pessoas lindas inda mais minha mãe que sempre fora bonita e eu senti uma ponta de inveja

o dia foi passando com a lentidão das horas de quem espera

mas pouco a pouco à medida que as pessoas iam se esquecendo da filhinha da noiva qual mais bonita eu me esquivava do tumulto voltando

gradualmente para o meu canto e lá pelo meio da tarde enfurnei-me no quarto e tranquei a porta teria ainda algumas horas maçantes pela frente a cerimônia na igreja o bolo a interminável série de poses para retratos que a bem dizer começara cedo o fotógrafo numa azáfama tremenda o dia inteiro daqui pr'ali dali pra lá de lá pra cá

mas eu no meu quarto a porta trancada a chave desfiz a trança despi o vestido e a menina nua do outro lado do espelho sorriu os lábios de cereja os biquinhos despontando entre os cabelos a menina nua sorriu pequeninas manchas rubras nos dentes brancos

as taças eu disse e todos olharam enquanto eu avançava com as taças são para minha mãezinha e meu querido papai eu disse beberem com os braços entrelaçados

oh e todos pareciam aprovar meu gesto boa lembrança diziam sim muito bem lembrando

esta é do meu pai eu disse e entreguei uma taça a Felipe

e esta é da minha mãe e beijeí minha mãe na face antes de entregar-lhe a taça

mas quero vê-los beber mesmo eu disse nada ficar só fingindo e todos riram sim reforçaram bebam é a aliança de vocês é a felicidade que estão bebendo portanto bebam tudo

o fotógrafo estava a postos e registrou o brinde e enquanto o *flash* espocava e enquanto as palmas e enquanto os vivas e enquanto os risos e enquanto tudo eu me afastava de mansinho voltando para o meu quarto

e então todos deixaram a casa e agora estávamos ali apenas os três eu em meu quarto minha mãe no sofá da sala profundamente adormecida Felipe ajoelhado ao pé um tanto consternado pois como é que você vai dormir agora minha querida na hora de partirmos para nossa lua-de-mel

vocês ainda podem viajar pela manhã pai e Felipe sobressaltou-se com minha voz na casa silenciosa minha súbita presença atrás de si e levantou-se num salto voltando-se para mim

e olhou para mim com assombro

pasmado e perplexo diante da menina que se vestia apenas com seus cabelos longos e que agora os jogava para as costas descobrindo os pequeninos seios firmes e brancos os bicos rosados e rijos os lábios vermelhos

cereja

ou sangue

que avançou para ele

vocês viajarão pela manhã pai eu disse e envolvi seu pescoço com meus braços aproximando meu rosto meus lábios e fitando seus olhos a-parlhados mas esta noite será minha

você enlouqueceu

fiz que não com a cabeça e sorri e depois fiz que sim com a cabeça e
continuei sorrindo
sua mãe pode acordar ele disse tentando debilmente desvencilhar-se
não pai eu disse o sonífero que pus no vinho é muito forte ela só vai
acordar de manhã vem e segurei-lhe as mãos
para onde
vem pai vem
e ele me seguiu e daí entramos no meu quarto sobre a penteadeira a
fotografia de meu pai
olhe aponteí você é igual a ele mas eu quero que hoje você seja ele
você enlouqueceu de fato ele murmurou enquanto eu lhe despia a
camisa
eu sou louca por você pai há muito tempo
e agora eu lhe abria o cinto
há muito
então meu pai me tomou nos braços e resolutamente atirou-me sobre a
cama
muito tempo
*e o cisne investiu com seu longo e poderoso bico contra o jardim das Hespérides à
procura da árvore dos pomos de ouro e Lêda sentiu uma dor profunda como se a rasgassem
por dentro os olhos da assombrosa ave feito uma noite escura que se fizesse súbita e aterra-
dora ao seu redor*

Na encosta do monte

Foi numa tarde de sol e ventania.

As árvores da encosta, sacudidas, bracejavam com o vigor dos séculos — são árvores antigas, dessas que o Tempo vence mas pelas quais é também vencido.

Quanto ao vento, eu já me acostumei a ele: a casa fica a meio da encosta, é daqui que eu ouço esse murmúrio intenso e quase contínuo no comprido das tardes tranqüilas, no decorrer das noites vazias; que escuto no perene silêncio esse cântico sem fim que parece provir da antigüidade...

Que eu também sou velho.

Sim, por ter alcançado aquela idade em que os dias já não se contam: perdem-se, ou se somam num tecido inconsútil de horas que já não transcorrem nos ponteiros de um relógio — pois não tenho relógio em casa, nunca tive: que utilidade pode ter um instrumento que nos fala de algo que não existe?

Os dias passam, vão passando, e nessas tardes longas o Sol desce para o poente com um rumor que não é som, mas sombra e cor.

Foi numa tarde assim que, da minha cadeira de palhinha neste terreiro de chão batido, avistei o menino.

eu tinha fugido de casa dias antes e estava com onze anos mas iria completar doze em breve e dizia vou passar meu aniversário sozinho por esses matos foi quando avistei aquela casinha no alto no meio da encosta de quem será eu pensei vou até lá pois estou com fome e pode ser que o dono me dê um pouco de comida um pão que seja porque naqueles matos eu só encontrara água e umas frutinhas sem gosto se fossem venenosas eu teria morrido porque outra coisa não tinha pra comer dormir eu dormia embaixo das árvores amontoava folhas secas e me deitava nelas fazia calor e tive sorte por não ter chovido nem uma vez mas havia os mosquitos sempre tem uma coisa para atrapalhar daí encontrei um caminho era só um trilho uma subida danada de difícil será que o dono daquela casinha sobe e desce esse caminho todos os dias eu pensei duvido ninguém agüenta inda mais com esse sol quente tinindo o que vale é o vento pois naquele dia ventava forte se eu bobeasse ele me arrastava pois aquele vento tinha força pra me arrastar era só querer o vento arrasta até um homem grande sim o vento mas depois eu descobri que quase todos os dias ventava forte na encosta

Vi o menino surgir ao pé da encosta e começar a subir.

Depois ele sumiu no arvoredo.

Fiquei espiando e imaginando quanto tempo ele levaria para atravessar a mata encosta acima. O caminho cruza a mata mas não em linha reta, por isso é tão longo. Mas o menino não demorou muito a reaparecer, e continuou, veio vindo, devagar como quem não tem pressa, devagar como quem caminha para seu destino.

E então, de repente, ei-lo que aponta no fim do terreiro e pára. E fica espiando para mim, indeciso, pára por um momento (o cachorro, que dormitava ao lado da cadeira de palhinha, suspendeu a cabeça, espiou o estranho, soltou com má vontade um latido e foi cheirá-lo, depois voltou, deitou-se outra vez ao lado da cadeira, apoiou a cabeça nas patas da frente e dormitou...), depois avança — de cabeça baixa — em minha direção.

Pude olhá-lo bem enquanto se aproximava: tinha os cabelos cor de palha, não apenas por estarem queimados de sol, mas por serem mesmo loiros como o trigo pronto para a colheita.

A pele, no entanto era morena, e isso também se devia ao sol: vinha com o dorso exposto e tismado, os braços finos, as pernas fortes conquanto não tenha mais de onze ou doze anos, e os pés descalços estavam sujos da poeira do caminho. Vestia um *short* que não tinha uma cor definida de tão encardido e trazia a camisa enrolada na cintura, uma camisa de meia toda furada. Não trazia mais nada, não tinha nada mais: tinha apenas sua infância.

O caminho terminava no terreiro em frente à casa e ali havia um homem velho sentado numa cadeira de palhinha com um cachorro grande ao lado ele parecia estar espiando para longe mas depois virou-se na minha direção e olhou direto para mim e o cachorro levantou a cabeça latiu e veio cheirar-me mas não se importou comigo deve ter percebido que eu não era nenhuma ameaça então voltou e deitou-se no mesmo lugar eu no começo fiquei assustado com o cão e depois encabulado com o olhar do homem porque eu era um estranho que invadia seu sossego de velho e então parei um instante um instantinho só parei e baixei a cabeça e daí resolvi me aproximar não ficava bem eu sair correndo inda que eu não fosse um menino de muito boas maneiras sabia quando uma coisa ficava bem e quando não ficava e sair correndo sem dizer nada seria uma coisa feia além do mais eu estava faminto por isso fui chegando devagar meio como quem não quer nada até que parei perto da cadeira dele e levantei o rosto

O menino levantou o rosto e pude ver que seus olhos eram de um azul quase transparente, um azul lavado com as águas do verão que findava — pois aqueles ventos eram um sinal do outono, um prenúncio dos dias frios que viriam.

O menino tinha, pois, olhos azuis desse jeito e grandes, umas sardas no rosto moreno, bons dentes — pude ver quando sorriu com certo aca-nhamento —, a boca pequena de lábios finos e o nariz um tantinho arrebi-tado.

Perguntei-lhe o nome e ele respondeu, baixando novamente a cabe-ça, a voz surda e quase inaudível. Perguntei-lhe de onde vinha e ele fez um gesto com o braço indicando uma direção qualquer, um arraial lá longe, na direção do poente. Esteve suspenso um momento, e acrescentou com visí-vel embaraço que havia fugido de casa.

Imaginei que estivesse com fome e mandei que entrasse. Pus a mesa para ele, um pequeno banquete para um príncipezinho da miséria: ovos cozidos e pão, leite de cabra e papa de milho, batata doce frita na gordura de porco — e o cachorro — fiel escudeiro — fez-lhe companhia, sentou-se e ficou espiando-o comer.

E ele comeu com satisfação dizendo-me que durante vários dias, per-dido na mata, alimentara-se apenas de umas frutinhas amarelas e insossas; comeu de lamber os dedos, depois deitou-se na esteira e dormiu.

então eu fiquei morando com o velho que me mostrou tudo que havia no lugar a bica o corregozinho água a horta as cabras de seu pequeno rebanho que se espalhavam pelos montes sem precisar de um pastor para reconduzi-las no fim da tarde ao curral onde dormiam sob uma coberta de sapê mostrou-me o burrico no qual de tempos em tempos cavalgava até a aldeia mais próxima para fazer compras e falou da aldeiazinha a um dia de cavalgada na direção do nascente levou-me ao topo da colina e disse-me que só não levantara sua casa ali porque não teria água corrente água não sobe morro ele disse mostrou-me as árvores frutíferas que havia plantado pés de laranja tangerina ameixa abacate anona man-ga acerola entrou comigo na mata e ensinou-me as raízes e as folhas que curam mostrou-me as sementes e como plantar de forma que a planta nascesse forte e crescesse e desse frutos e ensinou-me também o perigo pois me falou das cobras malinas que tem por aí jararaca jaracuçu coral até cascavel de chocalho e me levou no barrancão pra eu ver o despenhadeiro você não bobeia por aqui ele disse espia a altura lá embaixo é só pedra e era mesmo e era até escuro de causar assombro e assim pouco a pouco fui conhecendo seu mundo e também tornando-me parte dele

O menino acompanhou-me numa viagem à aldeia lá pelo meio do outono.

Eu não vou com muita freqüência à aldeia, na verdade vou lá de raro em raro, e não só porque fica distante, mas também porque não há nada que me agrade nesse amontoamento de gente em confusão. De tão acos-tumado a estar só, até a companhia do menino eu estranhei no começo: deixei-o ficar — como mandá-lo embora se não tinha para onde ir, nem

alguém para quem ir? Sim, deixei-o ficar, mas a verdade é que naqueles primeiros dias estranhei sua presença miúda e silenciosa na casa, no terreiro, em qualquer lugar onde eu estivesse. Por isso que, habituado à solidão, a aldeia com seu movimento contínuo de gente chegando, saindo, falando alto, conduzindo tropas pelas ruas estreitas, a aldeia com seu arruído perpétuo era-me incômoda e desagradável, mas o inverno se aproximava e precisávamos renovar nossas provisões.

Pois inverno aqui na serra é assim — além do frio cortante, quando chove é por dias a fio, às vezes semanas inteiras, aquela chuvinha fina que sobrevém na asa da ventania, e os campos amanhecem brancos de geada. Os prenúncios para aquele ano não desmentiam minhas suspeitas, sendo certo que só lá pelo meio da primavera seria possível viajar outra vez.

Então eu fui, fomos: saímos manhã bem cedinho, antes de nascer o sol, e só alcançaríamos as imediações do vilarejo pouco antes de escurecer (a casa porém não ficaria só: estaria ali o cachorro sonolento).

fui na garupa do velho o burrico era forte e parecia não se incomodar com meu peso afinal sou um menino não peso muito mas a aldeia não tinha nenhuma novidade para mim eu viera de uma aldeia também onde morei com aquela tia bêbada que me criara e me espancava às vezes coitada espancava-me para descontar em mim as pancadas que recebia do marido outro bêbado que vivia reclamando do que eu comia dizendo esse menino come demais assim não dá como é que vou sustentar essa fome toda inda mais que não é nem filho meu e me batia também com raiva da própria miséria mas agora aquilo tudo chegara ao fim pois eu resolvera fugir de casa entrei na mata minha tia decerto nem me procurou deu foi graças a Deus uma boca a menos e na mata eu andei dias perdido até achar a casinha do velho pensei que não fosse ficar ali mas fiquei fui ficando ele ensinando-me a viver naquele lugar eu aprendendo a gostar da solidão e da quietude da serra por isso que nessa outra aldeia aonde ele me levou não vi novidade nenhuma compramos o necessário e passamos a noite num quartinho nos fundos de um botequim era ali que o velho dormia quando ia à aldeia fazer compras o dono do botequim querendo saber arranjou ajudante velho e o velho é filho de um sobrinho meu que morreu ano passado não tinha ninguém então veio morar comigo ele inventou aquilo na hora decerto para não dar explicações passamos a noite naquele quartinho e madrugamos como o burrico viesse carregado tínhamos de caminhar mas eu nos trechos mais difíceis nas subidas mais cansativas o velho às vezes enganchava-me em cima dos fardos e só entramos em casa noite alta veio-nos receber o cachorro um uns latidos de alegria

No fim do outono chegaram os dias frios.

Eu aproveitava as tardes breves para aquecer-me ao sol, e sentado na cadeira de palhinha punha-me a contemplar o mundo — suas distâncias azuis — ao mesmo tempo que me esquecia dele.

A encosta como sempre varrida pelo vento, e no anoitecer rajadas úmidas obrigavam-me a recolher ao interior da casa, o cachorro friorento no meu rastro. Então acendia o fogo, punha lenha no fogão para que a cozinha e o quarto — os dois únicos cômodos de minha casinha, fora o quartinho de guardar trastes que havia nos fundos — estivessem mornos toda a noite, e sobre a chapa aquecia a comida em panelas de ferro.

Ficávamos então em silêncio, eu e o menino, ele num tamborete, eu num toco junto ao fogão, espiano o fogo devorar a madeira e ouvindo o crepitar suave das chamas — ficávamos entretidos cada um com a ausência do outro até chegar o sono e nos recolhemos às nossas esteiras.

Mas numa daquelas tardes frias, eu teimando ainda em aproveitar os últimos lampejos do sol, o menino veio fazer-me companhia.

Sentou-se no braço da cadeira e passou a mão pelo meu rosto.

Passou a mão pelo meu rosto, mas não de um jeito qualquer: com a ponta dos dedos redesenhava delicadamente as rugas da minha face.

O velho não me contou sua idade nem me lembro ele disse e apontou o dedo na direção do arvoredo na encosta aquelas árvores são antigas ele disse tão antigas como árvores como eu posso ser velho como homem mas eu não entendi bem nem acreditei o velho estava contando histórias ele tem essa mania de falar as coisas dum jeito que a gente não entende ele pode ser velho como diz mas é forte não anda arrastando os pés nem encurvado é vagaroso mas tem muque um dia saímos para apanhar lenha na mata e ele voltou com um feixe tão grande que eu nem conseguia mexer mas aí teve esse dia em que eu pela primeira vez passei a mão no rosto dele o dedo pelas rugas de seu rosto uma a uma mas não demorou a anoitecer e um vento úmido correu com a gente pra dentro de casa começara a esfriar muito rapidamente naqueles últimos dias

Eu havia tecido esteiras novas com a taboa tirada dias antes e posta ao sol para secar.

Eu nunca dormi em cama, desde pequeno acostumei-me à esteira, ao cheiro da embira, à sua dureza macia. Pois pra muitos a esteira é dura, dá dor no corpo, mas é só falta de costume, mesmo porque se estende duas, às vezes três, uma por cima da outra, e assim fica mais quente e macio.

Pois eu tecera esteiras novas por aqueles dias e fui ensinando ao menino como é que se fazia. Tecer esteiras é como tecer as horas, prender na teia de fios a embira é uma trama de minutos, dá sentido ao Tempo, é a própria construção do Tempo. Um dia inteiro tecendo esteira não tem duração, ou dura uma breve eternidade. Tudo isso eu fui fazendo e falando, e ele aprendeu rápido, ajudou-me, e agora com a chegada do frio tínhamos novas esteiras...

Além disso, na última viagem à aldeia eu me precavera comprando cobertores, porque a gente aprende a entender o tempo: depois de tantos anos vivendo sozinho na natureza que nem eu vivo aprende-se a entender os sinais que ela nos manda, e os sinais para aquele inverno não diziam o contrário: haveria de esfriar como havia anos não esfriava.

Sim, iria esfriar muito, mas nós estávamos prevenidos.

do fogo vinham estalidos e o clarão vermelho das brasas fazia menos escura a cozinha o velho pusera umas achas de lenha grossa que iam queimando devagar e quando acabassem de queimar restaria o braseiro e até de manhã as cinzas ainda estariam mornas mas do lado de fora o vento parecia querer arrancar a casa do chão e assim do madeirame do telhado vinham também estalidos de dar medo o vento rugindo em cima das telhas e mais longe no arvoredado encosta abaixo a noite escura que nem breu ainda que espiando pela greta da janela podia-se enxergar o céu estrelado e frio nem uma nuvem não chovia apenas ventava congelando o ar era o inverno chegando

Mas quando invernou mesmo vieram as chuvas: chovia dias seguidos, uma lubrina fria, fina, interminável que nos impedia até de sair no terreiro (o cachorro punha o focinho fora da porta, arriscava-se a uma volta por perto, depois vinha com o pelo molhado, arrepiado de frio, deitar de novo perto do fogão).

Tínhamos uma boa provisão de lenha, podíamos manter a casa aquecida toda noite, mas às vezes era preciso sair, nem que fosse para a ordenha, era preciso aproveitar o leite das cabras, limpar o curral, espiar o burrico que vinha dormir embaixo da coberta nos fundos, botar sal no cocho. O menino não, eu dizia sou um velho curtido, esse tempo eu já me acostumei a ele, mas a você ele pode fazer mal, fique aí que eu saio pro que for preciso, então punha uma touca grossa na cabeça, um saco de lona nas costas, calçava as botas de borracha e saía para fazer de um tudo, ir até a horta colher verduras, lavar as vasilhas na bica, apanhar água para encher as moringas...

E às vezes da beira do terreiro punha-me a espiar a lonjura das seranias e o céu cinzento onde nuvens baixas e esgarçadas pelo vento passavam velozes; de baixo, do arvoredado, subia o rumor de seu bracejamento de condenados...

Toda a minha vida eu vivera aqueles invernos, assistira ao revirar do tempo, vigiara esse mesmo céu que parecia enfurecido e sombrio com suas nuvens arrastadas e rasgadas pelos vendavais, mas não me cansava: era a mesma beleza e sempre uma beleza diferente como se a cada ano fosse outro o mistério.

Depois eu entrava em casa e ia sentar no toco junto ao fogão, estendia as mãos na direção das chamas e sentia a vida voltar aos meus dedos congelados. Então o menino vinha também, sentava-se no tamborete sem nada dizer e punha-se a vigiar o fogo.

Um dia ele me falou de seu medo quando a ventania vinha no feitio de uns golpes violentos que faziam tremer a casa e estalar os caibros. Eu lhe disse que não valia a pena ter medo, os caibros são sólidos, eu disse, fui eu mesmo que botei a viga central no lugar, fui eu que preguei cada caibro com prego galeota e cada ripa com pregos menores, madeira que tirei na mata — isso há quê de anos, quando a cabana antiga estava cai-não-cai; e as telhas acanoadas eu mesmo fiz, moldando-as na minha coxa e cozinhando-as num forno que construí ali no finalzinho do terreiro. Foi assim que levantei, sozinho e Deus, minha casinha nova de pau-a-pique — essa entrançada de madeira fina e taquara amarradas com arame e sustentada nos oitões por troncos grossos que depois embarreei, não houve quem me ajudasse na construção de minha casa por isso até o barro eu fiz sozinho, cavucando o barranco, misturando água e amassando com os pés... E foi por saber que a construção era sólida que eu disse pro menino não tenha medo, o vento faz estalar mas não arranca o telhado de cima de nós.

o velho disse pra eu não ter medo e na hora eu confiei nele mas de noite ventou como nunca e eu fique assustado e encolhido na esteira embaixo do cobertor primeiro eu pensei que daí a pouco fosse parar de ventar às vezes começava a ventar forte logo que anoitecia e depois ia parando mas naquela noite foi diferente com a ventania veio a chuva e dessa vez chuva mesmo e não a lubrina de inverno não não foi uma lubrina de inverno mas uma tempestade que a água parecia cair feito cachoeira e no céu os coriscos riscando pra todo lado clareavam a noite a encosta batida a planície lá embaixo o corcovear dos morros ao longe tudo e junto com o tremido das trovoadas o vento cada vez mais forte fazia estralar o madeirame do telhado como se fosse arrancá-lo então eu tive medo e o velho percebeu meu medo e disse menino você está com medo e eu respondi que sim e ele disse então vem pra cá e eu fiquei parado um instante mas depois levantei-me e corri para a esteira do velho e me meti debaixo do cobertor dele e estava quente embaixo do cobertor e eu deixei de ter medo e o velho pôs a mão em mim e disse você está de camisa e calção sim eu disse mas não é bom dormir com toda essa roupa ele disse eu não ligo eu disse por que não experimenta tirar e dormir à vontade ele disse e eu fiquei quieto sem tanta roupa fica-se melhor ele disse e eu fiquei quieto que a roupa é uma pele falsa ele disse mas a pele verdadeira é quente e se arrepia e eu continuei quieto e ele puxou devagarinho minha camisa para cima até tirá-la pela minha cabeça e eu fiquei quieto deixando ele tirar minha camisa e depois ele começou a puxar meu short para baixo e eu fiquei quieto deixando ele puxar meu short até embaixo roupas são necessárias ele disse mas não fazem parte do seu corpo agora você está livre e eu senti meu corpo mais

quente do que antes e mais leve como se flutuasse e então o velho puxou-me para junto de si e aconchegou-me ao corpo dele e eu percebi que ele também não vestia nenhuma roupa e ele encostou-se mais em mim e eu senti que ele começava a fazer uma coisa e eu deixei porque fiquei um pouco assustado ele não dizia nada agora apenas respirava como se tivesse uma ânsia e eu também não disse nada apenas fiquei quieto e assustado esperando para entender o que estava acontecendo e ele continuou fazendo aquilo e então eu senti uma dor prolongada e violenta como se meu corpo estivesse sendo aberto por um gomo grosso de bambu e meus olhos se encheram de lágrimas mas também então eu não disse nada e daí a dor diminuiu e o velho ficou imóvel por um minuto quieto como se tivesse morrido mas não estava morto não estava vivo muito vivo porque então começou a se mexer primeiro devagar ia e vinha e eu sentia aquele gomo de bambu indo e vindo dentro do meu corpo mas já não doía tanto só um pouco e depois de algum tempo o velho começou a se mexer com mais rapidez e então doeu bastante até que houve um momento em que o velho se mexeu com tanta rapidez que o gomo deu arrancos dentro do meu corpo e eu gritei de dor e o velho soltou um gemido prolongado e foi sossegando e parando parando parando até parar de vez e repousar e eu continuei quieto não disse nada nem fiz nada nem empurrei o velho continuei ali imóvel apenas as lágrimas correndo em silêncio

Pela manhã continuava gelado mas o vento e a chuva haviam passado. O sol apareceu por trás do embaçado nevoento do céu, não esquentou mas também não se escondeu, esteve assim até o entardecer: uma claridade tristonha e fria debulhada na paisagem.

Levantei cedo para aproveitar a estiagem, certo de que, mesmo que o tempo se mantivesse bom por um dia ou dois, logo voltaria a chover e a esfriar ainda mais, dificultando o serviço: estávamos apenas no começo do inverno.

Lavei as vasilhas na bica e renovei a água das moringas, pus sal no cocho do burrico, que à tardinha vinha abrigar-se na coberta; fui até o curral das cabritas e tirei o leite, abri a portinhola e deixei que saíssem para o pasto; entrei na mata e puxei para fora alguns galhos e troncos tombados (e então o cachorro encovou, caçador que só ele, e seus latidos enchiam a mata), era preciso deixá-los de pé, encostados às árvores para que secassem mais rápido e não encharcassem tanto com as novas chuvas pois, embora a provisão de lenha fosse farta não duraria até o fim do inverno; depois voltei (o cachorro continuou na mata, eu podia escutar seus latidos), dei de mão num enxadãozinho e me pus a limpar o córrego, meio entupido pelo mato que crescera nas margens e pelas folhas e gravetos que se iam acumulando no leito.

Foi quando caminhei para a horta — e já era tarde, quase hora do almoço — que o menino apareceu e disse como de costume bom-dia, velho, e seus dentes rebrilharam na luz da manhã.

Comeu? eu perguntei, e ele fez que sim: bebera do leite de cabra fervido que eu deixara no canecão de lata em cima da chapa e comera aipim frito. Então começamos a trabalhar na horta. Toda a manhã trabalhamos na horta, livrando-a do mato que havia crescido, replantando mudas, refazendo sementeiras, reabrindo as ruas entre os canteiros, preparando novos canteiros, mas o menino eu deixava solto, que trabalhasse um pouco para não perder o costume e o mais estivesse por ali, somente; não queria vê-lo esforçar-se muito, queria apenas que aprendesse plantar e cuidar da plantação para que soubesse viver quando adulto, para que fosse dono daquele lugar como eu fora a vida toda, eu estava decidido a ir ao cartório e passar para o nome dele a propriedade daquela terra, já que, velho e sem parentes, para quem eu deixaria o sítio se não para ele? Pois foi pensando nisso, desde o começo, quando me acostumei com sua escassa presença em casa, que lhe ensinei as coisas: tirar lenha, cuidar das cabras, tecer esteiras, limpar o córrego e a mina d'água, até mesmo consertar o telhado quando aparecesse uma goteira...

Ele é só um menino, mas vai crescer e eu decerto não chego a vê-lo adulto, sou velho, é bom que ele saiba se virar quando eu me for.

naquele dia não choveu nem ventou embora continuasse frio e a esfriar mais ao entardecer eu ajudei o velho na horta de manhã e depois do almoço saí a passear com o cachorro pela serra e do alto avistei o burrico pastando ao longe e na mesma direção as cabras baliam e eu continuei subindo e fui até o topo do monte de onde podia avista o mundo redondinho em volta de mim e lá embaixo a meio da encosta o telhado da casa que agora era a minha casa porque eu nunca tivera uma casa e agora tinha e eu fiquei feliz tendo uma casa e o cachorro corria atrás de algum bicho no mato e eu fiquei feliz tendo um cachorro também e então abri os braços como se pudesse voar e cheguei a saltitar como se de fato fosse levantar vôo e ri de pura felicidade

Ele é um bom menino e deve brincar, eu dizia cá comigo espiando-o de longe, deve ser livre como um bicho qualquer da mata.

Não, claro que tinha de aprender as coisas, por isso eu lhe ensinei, de um tudo fui lhe ensinando para que não ficasse perdido quando estivesse sozinho. Não teria ninguém quando eu me fosse, não há moradores por perto, a casa mais próxima — a de nhô Deolindo e nhá Talita — fica a quantas horas de jornada?, três?, quatro?, assim eu tinha de prepará-lo para quando ficasse só.

Mas não o deixava fazer mais do que o necessário: que ele brincasse por aí, subisse até o alto da colina ou descesse até a baixada, perder não se perderia. As recomendações eram apenas para tomar cuidado, nunca andar descalço para não pisar em espinho, machucar os pés; evitar o capim alto, anda só em lugar limpo, eu dizia, por causa das cobras, há cobras venenosas nestas paragens e é por isso que mantenho tudo capinado em volta de casa; e lhe falei também do barrancão, na encosta de lá, um barranco tão alto que até dá medo, eu o levei lá um dia para mostrar-lhe o perigo, não sobe aqui sozinho, eu disse, que se um cristão despenca lá embaixo, adeus; é por lá que as cabras pastam, cabrito aprecia lugares altos e com quanto gosto o menino ia olhá-las pastando, ouvir seu balido nas encostas; então eu dizia não chega muito na beira do barrancão, vai que seu pé falseia... Seria morte certa nas pedras!

É preciso saber para viver sozinho num lugar assim, há que ser cuidadoso, então fui lhe ensinando essas precauções simples pois iria precisar delas, já precisava delas e continuaria precisando a vida toda.

e então anoiteceu e não choveu nem ventou mais e até o frio abrandou um pouco e o velho preparou o jantar o arroz soltinho na panela de ferro um feijão que ele engrossou com pedaços de carne-seca angu e couve picadinha a comida do velho era boa ele sabia o meu gosto desde logo ele aprendeu as coisas que eu gostava de comer e fazia pra me agradar e então jantamos ele sentado no toco defronte ao fogo eu no tamborete prato na mão e colher de alumínio comemos em silêncio olhando as chamas mas não nos olhávamos nos olhos e então o velho levantou deixou o prato em cima da mesa no canto da cozinha apanhou um pouco d'água e foi até a porta bochechar e cuspir e eu continuei comendo devagar e quando terminei também apanhei água numa caneca e fui lavar a boca limpar os dentes limpei esses dentes bem limpos ele dizia e eu fiz como ele mandava esfreguei os dentes com pó de carvão e tornei a bochechar e a cuspir depois fiquei na porta espiando a noite que estava escura mas não fazia tanto frio quanto na noite anterior quando a chuva caía em cordas e o vento parecia querer arrancar a casa do chão e fiquei ali olhando para fora muito tempo perdido na fundura da escuridão e quando voltei para dentro o velho já havia se deitado então eu senti um súbito pavor como uma coisa que viesse me assombrando de dentro de mim para fora e deixei a caneca cair no chão e o barulho da caneca no chão foi tão alto no silêncio que fazia que me assustou mas eu continuei parado olhando para a porta do quarto onde ficavam nossas esteiras até que muito devagarinho fui voltando a mim de meu pavor e abaixei-me e apanhei a caneca que fui guardar no guarda-comida pois era hora de dormir assoprei a lamparina no caritô e a cozinha ficou iluminada apenas pelo clarão do fogo e então eu entrei no quarto e tirei a roupa toda a roupa e me aproximei da esteira do velho onde a dor estava à minha espera

Existem a vida e a morte, e uma coisa tão assombrosa que possui um pouco de cada uma, porque aquilo era estar vivo como nunca alguém de outra maneira pode estar, mas era também estar morto, pois como entender esse mistério sem espiar para o outro lado da eternidade?

O corpo do menino continha em si a vida e a morte, era um altar, e se eu escolhi sacrificar nele a vida, escolhi também manter-me vivo com o desespero do afogado de cujas mãos o mar arranca a tábua de arrimo.

No corpo do menino eu procurei meu naufrágio, o fundo do oceano, a treva mais densa mas também as mais intensas claridades e as alturas e a segurança dos rochedos.

Presentia sua dor e suas lágrimas.

Mas também sua surpresa e contentamento.

Ele estremecia mas aquietava-se, por um breve instante antepunha suas frágeis defesas mas entregava-se por fim, submisso.

E nessa hora não havia palavras, senão o silêncio.

e então senti outra vez aquela dor quase insuportável e não consegui conter as lágrimas e mordi os lábios fechando os olhos com força e fechei os dedos com força também agarrando a beirada da esteira e quase cravando as unhas na embira macia e a dor continuou até o velho ficar imóvel por algum tempo mas agora a mão do velho deslizava por meu peito minha barriga e descia muito devagar descia num afago demorado até alcançar aquela região que de repente crescera e tornara-se rígida e ali a mão do velho prosseguiu em seu afago fazendo-me conhecer as fulgurações do céu ou do inferno como eu vou saber pois eu senti sinos tocando dentro de mim e aí ele se mexeu e eu senti ele se mexendo e eu voltei a sentir dor e ele se mexeu mais rápido e eu sentia ele ir mais rápido e também sentia doer e ele continuou e meu corpo estremecia com seus arrancos rápidos e profundos mas a dor já não aumentava tanto até que de repente ele pareceu agonizar minhas lágrimas corriam soltas e então ele foi se aquietando aos poucos aquietou-se e eu dócil sob o cobertor misturei às lágrimas o meu sorriso

Os dias de chuva voltaram. Alternaram-se com dias calmos e translúcidos, e o frio ora intensificava-se, ora abrandava.

O vento também voltou a fazer barulho. Da beira do terreiro — e com o mau tempo já não podia levar para lá a cadeira de palhinha — eu via o arvoredado sacudido com violência. Certa noite pôde-se escutar o ruído de troncos se partindo, árvores secas que vinham se mantendo de pé até não conseguirem mais resistir à força da ventania.

O inverno avançou como um grande pássaro, e era preciso suportá-lo, pois foi como eu havia previsto: conhecendo os sinais da natureza pode-se prever o tempo, e aquele foi um dos invernos mais frios e úmidos dos últimos anos.

e todas as noites eu tirava minha roupa e ia enfiar-me embaixo do coberto do velho e nunca dizíamos nada no dia seguinte o velho se levantava cedo e me deixava dormindo e quando eu também saía ia encontrá-lo em sua virada de costume fazendo isso e aquilo indo daqui pr'ali dizendo-me ajude-me a terminar isso e depois venha comigo ao curral e depois puxe a mangueira até a horta e então corra em casa e acenda o fogo para fazermos o almoço e eu obedecia mas outra hora vai brincar dizia o velho você já fez muito por hoje e nunca falávamos do que acontecia à noite como se de dia a gente se esquecesse ou não acontecesse mesmo nada de noite ou como se de dia fôssemos outros e não os mesmos que éramos de noite e não pudéssemos nem ao menos saber do que se passava e ele dizia você é uma criança e uma criança tem de brincar até que um dia ele disse uma criança precisa de brincar com outras crianças e eu que não esperava por aquilo voltei-me para ele e fiquei olhando-o sem compreender será que ele queria levar-me embora quem sabe para a aldeia e deixar-me lá onde havia muitas crianças e eu fiquei parafusando o que o velho havia dito mas ele depois não disse mais nada e eu me tranqüilizei ele disse aquilo só por dizer pensei ele não vai me levar embora e de noite voltei a deitar-me com ele na esteira e então quase já não sentia dor nenhuma

O inverno estava no fim, logo seria primavera mas o frio, embora já fizesse algum tempo sem chuva, não diminuiria. Aquele inverno fora muito úmido no começo, depois as chuvas foram escasseando e no último mês não caiu uma gota sequer. O vento, contudo, era constante, varrendo a encosta.

Nos primeiros dias da primavera fez sol, mas a primavera aqui na serra prega-nos peças: quando pensamos que está começando a esquentar, de repente o tempo vira, desce um russo e com ele um vento contínuo de rajadas tão frias que parece até que o inverno está de volta, trazendo no embornal uns gelos que havia se esquecido de deixar em sua passagem.

O menino tornava-se cada vez mais esperto, aprendera tudo que havia para aprender, e só não fazia aquilo que suas forças não permitiam. Mas eu não podia me esquecer de que era uma criança, e uma criança não pode apenas ficar na lida diária, tem de brincar também, e eu excogitei que uma criança tem de brincar com outra criança: que graça pode ter brincar sozinho neste deserto? Então eu disse cá com os meus botões: por que não trazer outro menino da mesma idade dele para cá? Na aldeia haveria de encontrar algum que quisesse, há sempre os que vivem largados pela rua sem pai nem mãe; um desses vindo para cá aprenderia a lida, mas seria também uma companhia de brinquedos para ele.

Certo dia, porém, quem chegou de visita foram nhô Deolindo e a dona dele, nhá Talita. Era pela hora do almoço, eu acendia o fogo pra esquentar a comida, o menino lavava as vasilhas na bica e o cachorro, pres-

sentindo alguém de fora, saiu feito um tiro latindo e dando de rabo. Então fui ver, e os dois acabavam de entrar no terreiro.

“Ô de casa” e vendo-me aparecer na porta nhô Deolindo abriu-se num riso de poucos dentes, “tem almoço pra mais dois?” disse, atrás dele nhá Talita de pano na cabeça e saia comprida lambendo o pó do chão. “É de pobre” respondi mandando que eles entrassem e estivessem a gosto, “mas é farta, com a graça de Deus”. Nhô Deolindo sentou, respirou fundo ssssshhhhhh-ffffhhhhuuuuuu de cansaço, apoiando o cotovelo na mesa, mas nhá Talita prestativa feito essas donas de roça logo deu de mão na vassoura e começou a varrer a cozinha, “que o compadre vai ver nem tem tempo pr’essas miudezas”.

Então o menino, olho comprido, ressabiado, apareceu na porta vigiando os estranhos.

“Ué...!” estranhou nhô Deolindo enquanto nhá Talita se imobilizava, vassoura na mão, espionando curiosa. “Vem, menino, tomar a bença aos mais velhos” eu disse, e o menino entrou, cabeça baixa de encabulamento, estendendo a mão enquanto eu ia explicando a novidade. “Mas é muito favorável sim” nhô Deolindo aprovando, “eu sempre dizia cá com a patroa que vosmecê carecia de alguém pra fazer companhia, e o garoto vem a calhar, é treiná-lo na lida que ele aprende e ainda vai ajudar muito” e nhá Talita com sua vozinha miúda: “Há de ser de grande valia pro compadre”.

Os dois estiveram alguns dias, sempre que eles vinham de visita ficavam comigo três, quatro dias pra compensar a jornada, e eu apreciava muito porque a gente se conhecia desde os tempos de mocidade e eu tinha até batizado o primeiro filho deles. Estiveram alguns dias e partiram certa manhã de bom tempo e muita claridade, e voltamos a ficar sozinhos em casa, eu e o menino.

No entanto entravam os primeiros dias ensolarados de primavera e já convinha uma viagem até a aldeia, pois em breve teríamos carência de suprimentos.

Decidi então fazer a viagem.

E fui, mas dessa vez o menino ficou.

foi então que vi o velho chegar com a menina e pensei que fosse um engano dos meus olhos eu já havia escutado os adultos dizerem que os olhos podem enganar a gente a gente pensa que está vendo uma coisa mas não está então eu pensei eu não estou vendo aquela menina mas o velho vinha a pé na frente puxando o burrico morro acima já era quase noite e ele vinha e a menina que eu achei que não estava vendo que era só um engano dos meus olhos vinha em cima dos fardos enganchados na cangalha então fechei os olhos com força e esfreguei eles com as mãos dizendo comigo mesmo vou limpar meus olhos assim e quando abri-los outra vez não vou mais ver aquela menina e então abri os olhos mas ago-

ra o velho vinha bem mais perto e eu já podia enxergar a menina com muita clareza e então eu corri e fui esconder-me atrás da casa e pouco depois o velho entrou no terreiro puxando o burrico eu de onde me havia escondido fiquei espiando o velho primeiro tirar o cabresto do burrico o cachorro que corraera para fazer-lhe festas saltitando em volta e depois pegar a menina nos braços e pô-la com delicadeza no chão o cachorro cheirando-a com curiosidade e depois desenganchar os sacos de compras enquanto a menina ficava por ali primeiro com medo do cachorro mas perdendo o medo quando ele lambeu-lhe as mãos e abanou o rabo e depois espiando o velho em seus afazeres ajeitou o vestidinho de chita e passou os dedos pelos cabelos pretos porque o vento punha-os em desalinho e recuou um passo quando velho passou por ela para entrar na casa e recuou outro passo quando o velho voltou para apanhar o outro saco e ficou olhando como se fosse uma novidade quando ele voltou e tirou a cangalha do burrico e foi aí que ele me enxergou atrás do oitão da casa e fez sinal para que eu fosse até lá

O menino veio se chegando ressabiado.

Parou de cabeça baixa na minha frente.

Esta vai ser sua companheira, eu disse pra ele, ela é da sua idade, ainda que pareça um pouquinho mais nova, eu disse, ela também vai aprender a lidar, é bom saber as coisas, não é mocinha?, mas eu trouxe ela da aldeia para ser sua companheira de brincadeiras, vocês são crianças, e criança brinca com criança.

Mas o menino continuava de cabeça baixa, não dizia um “a”, e então tive de chamar sua atenção, então! não vai apertar a mão de sua amiguinha? e ele, contrariado — via-se que estava contrariado, embora eu não entendesse por quê — estendeu a mão para ela.

Não me importei com a zanga do menino. Logo os dois se entendem e a zanga passa, eu pensei, e fui tratando de arrumar as compras no guarda-comida e ensinar a menina onde botar cada coisa, era preciso que desde logo ela fosse aprendendo. Enquanto isso o menino fora escovar o pêlo do burrico, dar-lhe água, botar sal no cocho, guardar a cangalha.

Quando entrou na cozinha era noite. O jantar já estava quente nas panelas em cima da chapa, e então — os três juntos — comemos, eu sentado no toco em frente o fogo, o menino no tamborete, a menina numa cadeirinha de recosto que fui apanhar no quartinho dos trastes.

o menino não gostou de mim eu bem que percebi ele não queria apertar minha mão e quando o velho mandou ele me cumprimentar ele cumprimentou de má vontade será que ele vai ficar implicando comigo aqui é muito longe e não sei se estou feliz por ter vindo só tem o velho e esse menino que não gosta de mim melhor seria ter ficado na aldeia mesmo tendo de dormir nos fundos do armazém do português lá pelo menos tem gente e aqui nesse meio de mato será que o velho vai me bater ele parece bonzinho mas nunca se sabe com o menino eu posso se ele quiser me bater eu bato nele também mas o velho se quiser me bater

pode até me matar que é que eu posso fazer pra me defender nem ir embora eu posso que ele me alcançaria no caminho não não sei se fiz bem em acompanhar o velho para cá se eu soubesse que era tão longe não teria vindo

o velho estendeu uma esteira nova no chão entre a minha e a dele e deu um cobertor à menina eu via tudo da cozinha o velho pondo como forro um ence-rado que foi apanhar no quartinho dos trastes e depois estendendo a esteira nova por cima e forrando com um lençol e por fim quando a menina sentou-se em sua cama o velho entregou-lhe um travesseiro e um cobertor se estiver com sono pode dormir e a menina deitou-se mas não sei se dormiu logo eu continuei na cozinha sentado no tamborete perto do fogão o velho veio e despejou um gole de café na caneca de ágata e bebeu e trançou de um lado para o outro arrumando as coisas como se eu não estivesse ali e eu continuei sentado no tamborete sem falar nada só às vezes espiava de rabo de olho o velho indo de um lado para outro e às vezes a esteira onde a menina estava deitada eu podia ver porque o velho deixara a lamparina acesa no quarto mas não disse nada continuei sentado no tamborete e então depois de algum tempo o velho entrou no quarto para dormir e eu fiquei espiando ele apagar a luz e deitar-se em sua esteira e eu fiquei quieto por algum tempo ainda sentado no tamborete até que resolvi ir me deitar também e então tirei a roupa e nu fui meter-me embaixo do cobertor do velho e percebi que ele estava vestido mas o velho disse apenas vai para tua esteira eu não obedeci e fiquei ali e me encostei nele e ele repetiu vai para tua esteira então eu me levantei e fui para minha esteira e aí as lágrimas começaram a rolar

os primeiros dias aqui até que não foram tão ruins o velho não é mau só o menino continua não gostando de mim quando eu vou falar com ele o menino fica de cabeça baixa escutando e não responde se eu faço uma pergunta não responde eu preciso repetir a pergunta e só então ele resmunga alguma coisa com maus modos e sai de perto das primeiras vezes isso me aborrecia menino metido eu pensava por que não quer falar comigo mas depois não liguei mais se quiser falar fala se não quiser não fala dane-se uma hora ele vai se acostumar comigo deve ser isso falta de costume mas de noite é engraçado dormimos cada qual na sua esteira mas o menino sempre vai se deitar primeiro na esteira do velho na primeira noite foi assim ele tirou a roupa e ficou peladinho e foi se deitar na esteira do velho então o velho mandou que ele fosse para a esteira dele o menino insistiu em ficar mas o velho mandou ele ir e dessa vez o velho parecia zangado então ele se levantou e foi e se deitou mas parecia estar com raiva do mundo pois quando passou pela minha esteira me deu um pisão que eu quase gritei de dor e depois eu escutei ele chorando baixinho já estou aqui há duas semanas e quase todas as noites é a mesma coisa ele vai se deitar na esteira do velho o velho manda ele ir deitar-se na dele ele levanta e obedece e então eu encolho as pernas para não levar outro pisão mas daí a pouco ele está chorando por que será

O menino quase não falava com a menina, nem brincavam juntos. Se não estivesse fazendo nada assoviava para o cachorro e desaparecia,

subia o morro, afastava-se pelo pasto, metia-se pela mata. Bem que a menina procurava agradá-lo, pegando-o pela mão, tentando fazer-se amiga, mas ele resistia. Então percebi que iria demorar mais do que eu pensara para se tornarem amigos.

Comigo também não se mostrava satisfeito. Obedecia-me em tudo, cumpria como sempre as tarefas de que o incumbia, mas sempre calado e de cabeça baixa. Algumas vezes, porém, fazia-se de ranzinza e resmungão.

Durante as primeiras semanas da primavera esquentou um pouco. Não chegou a fazer calor, mas o céu mantinha-se quase limpo de nuvens.

Certo dia contudo começou cedo a soprar um ventinho úmido e então eu percebi que o tempo estava mudando outra vez. À tarde vai esfriar, eu disse para o menino, e vamos ter ventania. À noite talvez até chova um pouco.

Não me enganei, a não ser quanto à chuva, que começou a cair mal escureceu e foi torrencial.

Já estávamos deitados escutando a chuva cair e o vento golpear a casa, estalando o madeirame todo do telhado, quando o menino choramingou lá da esteira dele, estou com medo, velho, ele disse, eu quero deitar aí.

Daí eu disse não é preciso ter medo, já lhe expliquei isso. Mas ele insistiu, estou com medo, velho, quero deitar na sua cama. Então eu disse deite com a menina, faça companhia a ela. Daí a menina mesma disse velho, deixa que eu vou deitar com ele, e eu disse então vai, menina, mas o menino sentou-se na esteira e disse tomado de uma fúria que me pegou de surpresa vem, deita, deita que eu te arranco daqui a pontapés, vem pra ver só!

Tomei um susto. A menina — que já se levantara para ir — ficou imóvel de espanto. Eu disse que é isso, menino, você agora vai querer bater na sua amiguinha? Ela não é minha amiguinha, ele retrucou ainda com mais fúria, quero é que ela morra! Então mandei que ele se deitasse e tomasse modos. Tive de mostrar pulso, senão aonde é que iríamos parar? Só assim ele se aquietou.

um dia eu vi a menina de pé na beirada do terreiro espiando para longe e me pus a vigiá-la escondido atrás da parede para que ela não me visse a menina ficou muito tempo quietinha ali só o vento mexendo-lhe nos cabelos agitando o vestidinho dela e ela olhando para longe feito um passarinho na gaiola nem se mexia já fazia dois meses que estava conosco uma intrusa é o que ela era a menina era uma intrusa e eu sem saber o que fazer até aquela hora pois foi quando eu pensei ela tem de desaparecer sumir pra sempre então eu vi que era isso mesmo a menina tinha de desaparecer

Parecia que as coisas finalmente iriam se ajeitar.

Certo dia vi os dois juntos pela primeira vez, eles não me viram e eu fiquei vigiando pra ver se o menino ia fazer alguma coisa com ela, uma maldade qualquer — não que o menino seja mau, mas como parecia não gostar dela poderia querer pregar-lhe uma peça. Mas não: ela estava sentadinha ali na beira do terreiro olhando para longe e ele então foi até lá, sentou-se também e disse-lhe alguma coisa. Ela decerto estranhou, olhou para ele desconfiada, mas ele continuou falando, o quê eu não sei, não pude escutar por causa da distância, e então ficaram ali, sentadinhos um do lado do outro muito tempo, conversando, e no fim era como se estivessem se tornando amigos.

Na hora da janta ele fez uma delicadeza: apanhou um pedaço de carne na panela e pôs no prato dela, que o olhou surpreendida. Então o menino sorriu e foi sentar-se no tamborete.

Muito bem, eu disse para encorajar aquele começo de amizade, isso é que é um cavalheiro!

Desde então passaram a estar quase todo o tempo juntos, cochichavam pelos cantos, ele às vezes punha a mão no ombro dela, outras vezes pegava-a pela mão e saíam a passear, aqui por perto mesmo, não iam longe, mas estavam sempre conversando como a contar segredos um ao outro, e como ela às vezes ainda se mostrasse desconfiada, ele — pelo menos foi a impressão que tive — se esforçava por conquistar-lhe a confiança.

Até naquela manhã em que vi os dois levantarem bem cedo e saírem de mãos dadas, mais íntimos que nunca, na direção do pasto. Eu os avistei quando já iam longe, no rumo do barrancão, é lá que as cabras andam e os dois decerto iam ver as cabras pastando. Então eu gritei cuidado por lá, e eles pararam por um momento e olharam para trás. Eu levantei o braço e repeti cuidado com o caminho na beira do barrancão, é perigoso, mas o menino não disse nada, apenas fez um movimento com a mão e seguiram em frente.

Achei por bem adverti-los: ele já está acostumado e até parece um cabritinho andando por esses morros, mas ela nunca se havia aventurado para muito longe de casa e poderia acabar caindo. Uma queda que, Deus nos livre e guarde, seria fatal!

No entanto entardeceu e as crianças não voltaram.

Só fui me dar conta da demora dos dois lá pelo final da tarde, depois de muito lidar. No almoço não estranhei, não era a primeira vez que ele se atrasava, e daí eu esquentei a comida e comi sozinho; deixei as panelas na chapa, o braseiro iria manter tudo aquecido, e como fosse preciso tirar lenha apanhei o machado e entrei na mata. O cachorro tornou a encovar, depois entrou em perseguição à caça que teimava em escapar-lhe, por fim

ouvi seus latidos lá longe. Passei a tarde quase toda ali. Quando retornei foi que percebi: os meninos ainda não tinham voltado, e já era tarde.

Só então eu me alarmei.

Segui no rumo do barrancão e pelo caminho encontrei algumas cabras que vinham como de costume para o curral lamber o sal do cocho e beber água. Já havia escurecido quando cheguei ao barrancão e não vi sinal dos dois. Senti um aperto por dentro do peito, mas assim mesmo chamei por eles, chamava e ficava escutando, chamava e ficava escutando, nada! Não tardou a lua clarear a serra, e eu continuei subindo e chamando, mas não ouvia resposta aos meus chamados. No alto vigiei para baixo, para a encosta do outro lado, avistei o caminho ao longe cortando a baixada intervalada pelos arvoredos, chamei de novo, mas em vão...

Voltei para casa pesaroso, o coração des'tamaninho, rezando — eu que não sou muito de rezas — para encontrar os dois em casa quando chegasse, mas quando cheguei achei a casa escura e nem sinal das crianças.

Meio desorientado fiquei dando voltas pelo terreiro, indo de um lado para outro pensando no que fazer sem chegar a tomar nenhuma decisão.

Ia e vinha, e matutava, e então parava olhando a encosta e escutando o vento, para depois dar mais alguns passos pra lá, outros pra cá, e parar outra vez, matutando...

De súbito estaquei: e só então compreendi o que havia acontecido!...

sim a menina tinha de desaparecer mas para isso eu precisava ganhar a confiança dela só assim poderia botar em prática o plano que havia bolado e então naquele dia ela estava sentadinha na beira do terreiro espiando como sempre para a planície e fui até lá e sentei do lado e comecei a falar ela me olhou com desconfiança mas eu sorri para mostrar que não estava zangado com ela e aos poucos ela também foi ficando à vontade e então disse que não gostava daqui que tinha acompanhado o velho porque não sabia que era tão longe mas disso eu já sabia porque eu havia escutado ela mesma dizer isso para o velho eu não gosto daqui não tem ninguém se eu soubesse que era tão longe não tinha vindo e o velho respondeu você se acostuma menina com o tempo se acostuma o menino está aí mesmo logo vocês ficam amigos e então a menina não vai mais achar ruim viver aqui e ela ficou quieta não disse nada e virando as costas foi saindo devagarinho e indo ali para a beirada do terreiro onde já era seu costume ficar espiando pras lonjuras acho que para a direção da aldeia lá muito além das montanhas e então eu pensei cá comigo está na hora de você ir embora ir pra longe ir pra não voltar mais mas para isso ela precisava confiar em mim e ela ainda estava meio desconfiada e daí eu tive de me fazer seu amigo todos os dias conversando com ela falando baixinho às vezes em seu ouvido levando-a a brincar aqui e ali até o dia decisivo em que resolvi chamá-la para irmos até o barrancão não era possível esperar mais seria naquele dia

e então teve um dia em que o menino disse que me levaria embora e eu não acreditei como iria acreditar e juro que no começo fiquei desconfiada mas ele uns dias antes tinha me procurado dizendo que queria ser meu amigo não vale a pena ficarmos brigados ele disse mas eu não briguei com você eu respondi eu sei ele disse fui eu que não quis falar com você e agora você quer agora eu quero por quê e então ele disse que por nada só para ser meu amigo mas daí no outro dia ele me disse que podia levar-me embora você não disse que não gosta de ficar aqui eu disse não gosto mesmo então eu levo você embora de que jeito eu perguntei e ele disse que tinha um plano e nos dias seguintes ficamos quase todo o tempo juntos é para o velho pensar que agora somos amigos e não somos eu perguntei somos ele disse mas não para que você fique aqui para você ir embora você não disse que tinha vontade de ir embora e então eu disse que sim que queria voltar para a aldeia e então ele me explicou o plano que havia bolado e me pareceu a coisa mais maluca do mundo mas como eu quisesse muito voltar para a aldeia acreditei no menino e então teve aquele dia em que levantamos cedinho o sol mal começara a nascer e fomos no rumo do barrancão e quando íamos o velho gritou para nós lá do terreiro cuidado e então eu disse e se ele descobrir mas o menino disse ele não descobre ele nunca iria desconfiar e então o menino acenou para o velho e seguimos em frente e o velho ficou lá no terreiro olhando para nós até que de onde estávamos não dava mais para ele nos ver nem para nós vermos o velho e continuamos andando e andamos um trecho enorme até chegar no barrancão e foi ali perto que encontramos o burrico pastando e o menino apanhou a corda que havia escondido ali no dia anterior e foi passar a corda no pescoço do burrico e com a mesma corda improvisou um cabresto e foi na frente puxando o burrico pelo trilho na beira do barrancão e eu atrás tínhamos de caminhar bem devagar porque o trilho era muito estreito e a altura puxa dava até medo olhar para baixo e levamos algum tempo para contornar o barrancão e então o menino parou e disse agora temos de subir até no alto e de lá avistaremos o caminho então teremos de descer pelo meio do mato alto puxando o burrico só vai dar para montar quando chegarmos embaixo e eu fiz que sim então vamos ele disse e subimos até o alto e de lá avistamos o caminho e começamos a descer o menino na frente puxando o burrico eu atrás a descida não foi nada fácil porque era preciso ir abrindo o mato e escolhendo onde passar para não cair em algum buraco o sol já ia alto quando chegamos embaixo e então o menino montou e eu fiquei esperando ao lado e ele me deu a mão e puxou-me com força e eu me agarrei a ele e ele fez muita força para me puxar para cima e eu me agarrava a ele e ao lombo do burrico e por fim consegui montar na garupa e quando consegui estava vermelha e suando pelo esforço não estava acostumada a montar se o burrico fosse bravo teria jogado nós dois no chão e então o menino tocou o burrico estrada afora e quando entramos na aldeia já era noite alta com lua clara o menino ajudou-me a saltar perto do armazém do português no mesmo lugar onde o velho havia me encontrado e me convidado para acompanhá-lo e então o menino disse onde você vai dormir e eu dei de ombros tem um cantinho na despensa do português do armazém durmo lá às vezes você queria mesmo vir embora não queria o menino perguntou claro que eu queria eu respondi se não quisesse não teria vindo então ele deu um sorriso adens disse adens respondi e ele tocou o burrico e foi indo foi indo e

eu fiquei olhando ele se afastar até sumir lá longe na estrada e no céu a lua parecia um enorme queijo branco cheio de furos

Da beira do terreiro vi o menino subir a encosta no lombo do burrico. O cachorro também viu e começou a latir e a dar pulinhos, abanando o rabo.

Ele vinha devagar, sabia que seria inútil apressar o passo porque o burrico é resistente para longas caminhadas, mas não se apressa, é um bicho forte porém calmo.

Passava do meio-dia quando entrou no terreiro e o cachorro foi ao seu encontro.

Apeou sem olhar para mim, levei a menina embora, disse ainda sem olhar para mim, para a aldeia, acrescentou dando um tapinha no cachorro quando este lhe pulou em cima, e levou o burrico para os fundos, pôs sal no cocho para ele, deu-lhe banho, raspou-lhe o pêlo e foi soltá-lo no pasto.

Depois voltou, tampouco então olhou para mim, entrou na cozinha, pôs a comida no prato e começou a comer calmamente enquanto o cachorro punha-se a dormir aos seus pés.

anoiteceu durante a tarde ajudei o velho na horta que apesar de ter cavado a noite inteira eu me sentia bem disposto e sentia também um alívio a menina não estava mais conosco então ajudei o velho mas não falamos da menina ele não perguntou nada nem fez nenhuma recriminação e trabalhamos como se nada tivesse acontecido é primavera ainda faz alguns dias frios mas o tempo está quase sempre bom e até o vento que bate a encosta não tem sido tão forte quanto durante o inverno então anoiteceu foi anoitecendo devagar e a lua apareceu e então eu e o velho vimos que era hora de parar e paramos e fomos para casa e agora na casa éramos apenas eu e o velho e enquanto o velho esquentava água no fogão para seu banho de bacia eu me enfiei debaixo da bica e a água gelada deu-me um choque eu me arrepiei todo mas em seguida senti meu corpo restaurado do cansaço e então me sequei e entrei na cozinha e o velho já estava jantando sentado no toco à beira do fogão mas eu não disse nada pus comida no prato para mim e fui sentar-me no tamborete a cadeirinha de recosto num canto da cozinha logo voltaria para o quartinho dos trastes então ambos comemos em silêncio espiando a lenha consumir-se nas chamas e lançar vez por outra estalidos e fagulhas e depois que comemos continuamos em silêncio olhando o fogo por algum tempo até que o velho disse vai limpar os dentes limpe bem os dentes ele disse e eu percebi que fazia muito tempo que ele não me recomendava limpar os dentes desde que a menina viera e isso me alegrou porque vi que o velho importava-se outra vez comigo com meus dentes e eu apanhei água com um canecão e cheguei à porta e lavei a boca e depois limpei bem os dentes esfregando-os com pó de carvão e enxagüei a boca cuspidando no terreiro e permaneci ali na porta olhando o terreiro iluminado pelo luar até que voltei para dentro e vi que o velho

já não estava mais na cozinha tinha ido deitar-se e então eu fiquei olhando a porta do quarto por um longo tempo até que dei acordo de mim e pus o canecão em cima da mesinha no canto e apaguei a lamparina no caritó a cozinha ficou subitamente escura mas pouco a pouco o clarão das brasas lançou uma claridade fosca pelo cômodo e então eu fui até a porta do quarto e parei ali e fiquei escutando o velho não dormia decerto não dormia e agora no quarto havia apenas duas esteiras a minha e a do velho a da menina fora enrolada e estava encostada de pé num canto junto do encerado que logo voltaria também para o quartinho dos trastes e eu continuei escutando por alguns momentos até que comecei a tirar a roupa tirei a camisa e depois tirei o short e fiquei nu e então eu ainda esperei um momento em seguida dei um passo dentro do quarto e me sentei na esteira do velho que não fez nada nem disse nada nem mesmo se mexeu e continuei sentado por algum tempo até que me enfiei embaixo do cobertor dele e o velho dessa vez não estava vestido nem mandou que eu fosse para minha esteira puxou-me para si e encostou-se todo em mim e agora eu já não sentia nenhuma dor

Pernoite

Aquela noite nas montanhas, aonde fui parar por força da profissão, passei por uma aventura inusitada de cuja conclusão não direi nada, deixando ao leitor a liberdade de julgar por si mesmo — o que, de resto, é sempre o que acontece: por mais que o narrador de uma história busque justificar ou, quando muito, explicar os fatos aduzindo argumentos que lhe pareçam cabíveis, será sempre o leitor quem dirá a última palavra.

A causa que me levou às montanhas é simples: sou corretor de imóveis e, falando ao telefone com certo proprietário rural que me propunha umas terras para negócio, resolvi seguir suas instruções de como chegar e aventurei-me sozinho por uma estrada mal conservada que não só me obrigava, desde que me internara pelo interior, a trafegar lentamente como também fazia rangerem-me as molas do carro de tal forma que temi ficar a pé a qualquer momento — embora, prevendo algo parecido, eu tivesse decidido viajar no meu velho jipe.

Alcançar a propriedade do meu cliente não seria uma tarefa nada simples: tão logo pus-me a caminho verifiquei que meu telefone celular não apresentava mais sinal, de forma que as dúvidas quanto à localização eu somente poderia tirar pedindo informações aqui e ali. Chegar a R..., uma pequena cidade de interior que ficava no caminho, não foi tão difícil, embora eu tenha percorrido bem uns cento e trinta quilômetros de asfalto ora esburacado, ora coberto de remendos tão mal feitos que não seriam preferíveis aos buracos. R... era o que se podia chamar de povoado, e nas poucas ruas do centro — pavimentadas com paralelepípedos — abriam-se as portas de um comércio tímido: alguns bares e cafés, dois ou três armazéns e outro tanto de lojas de roupas e tecidos, uma papelaria... e o resto, o resto.

Meu cliente não era pessoa conhecida no lugar, embora a propriedade, uma velha “Fazenda das Garças”, não fosse estranha: informaram-me vagamente que ficava “lá para cima”, indicaram-me uma estrada, e só.

Uma vez mais interneiei-me no deserto, trafegando agora por uma estrada de chão comparada à qual, aquela que percorrera até R... passaria por pista de autódromo. Sem exagero, não era possível acelerar a mais de vinte ou trinta quilômetros por hora, não apenas por conta da sinuosidade — as curvas se sucediam quase sem interrupção — nem por se tratar de uma subida em aclave acentuado, mas principalmente por causa dos buracos —

do que eu fora prevenido em R..., “desde as últimas chuvas” haviam-me dito sem que me dessem, contudo, uma idéia muito clara do que teria pela frente.

Um pouco desolado olhava vez em quando para a tela do celular: em vão, não havia sinal. A alternativa era prosseguir, porém com preocupação crescente pois, após duas horas em tal caminho, via a noite aproximar-se e não encontrava ninguém a quem pedir uma informação.

De repente, sem se fazer anunciar, desabou um temporal.

A essa altura eu seguia através de mata fechada em ambos os lados do caminho, plano, após haver subido incessantemente desde que saíra de R..., mas estreito e não menos esburacado, e como a noite caísse repentina junto com a chuva acendi os faróis do carro e teimei em continuar.

Consegui avançar por algum tempo, não saberia dizer exatamente se por um quilômetro, se mais, se menos, o fato é que em pouco vi-me forçado a parar porque a chuva intensificara-se de tal forma que não era possível enxergar três metros à frente numa estrada quase intransitável e desconhecida: se eu estivesse guiando na direção de um despenhadeiro não teria como saber.

Parado no meio do nada, com uma chuva torrencial, restou-me apenas apagar todas as luzes, reclinar o banco do jipe e relaxar enquanto via as horas se passarem com enervante vagareza. Fechei os olhos e cochilei, e quando despertei vi, com surpresa, que não apenas a chuva havia parado como um luar atravessava as nuvens esfarrapadas que passavam batidas pelo vento: abrindo a porta do carro e botando a cabeça pra fora dei-me conta de que não estava mais dentro da mata e sim num trecho não apenas reto da estrada, como também aberto, uma espécie de pequena planície com breves elevações aqui e ali por uma extensão razoável.

Olhei o relógio e vi que não eram ainda nove horas.

“Passar a noite neste fim de mundo” murmurei aborrecido, enquanto procurava no porta-luvas um pacote de biscoitos que comprara antes de sair.

Mordendo um biscoito água-e-sal desci do carro e olhei em volta, e que surpresa quando, saindo não sei de onde, vi aproximar-se um homem com um fardo nos ombros, quem, deparando comigo ali, tampouco deixou de surpreender-se e parou.

Ficamos a nos olhar por alguns segundos, até que eu tomei a iniciativa de falar:

— Olá, boa-noite, eu... bem, estou procurando pela Fazenda das Garças.

O homem arriou o fardo — um feixe de lenha — com um arquejo e endireitou a espinha.

— O caminho é esse mesmo, não sabe? — ele disse —, mas inté lá in-
da corre uma trechada...

— Hum. Então ainda é longe — eu disse.

— Tem chão sim senhor... — ele confirmou.

— Que é que eu faço? — resmunguei comigo mesmo, mordendo ou-
tro biscoito.

— Não aconselho o senhor a seguir viagem de noite, o caminho é
bem ruim praquelas bandas. Se quiser pode dormir lá em casa, moro aqui
perto, e amanhã cedo então...

O convite para pernoitar em casa do estranho pareceu-me providen-
cial e não me ocorreu recusar. Num gesto ágil, embora arquejando, o ho-
mem jogou outra vez o fardo ao ombro e tomou a dianteira.

Caminhamos por cerca de vinte minutos, saindo da estrada para um
trilho que conduzia através de uma alameda de arbustos baixos e pelo que
parecia podados recentemente. Por fim chegamos a uma casinha típica de
roça, visíveis as frestas de luz nas janelas pequenas, diante da qual havia um
terreiro espaçoso e ao lado uma espécie de galpão onde o homem, sempre
arquejando, foi arriar o feixe. Guiou-me a seguir para os fundos, bateu a
porta, que foi aberta por uma mulher ainda jovem mas sem qualquer traço
de beleza, fazendo-me entrar num cômodo mais ou menos amplo que
percebi ser a cozinha.

Cabe aqui uma descrição desse cômodo por ser bastante pitoresco:
não se integrava ao resto da construção, da qual distava uns dois metros,
havendo entre ambas um corredor aberto que era preciso atravessar para
passar ao interior propriamente dito da casa. Nessa cozinha, iluminada por
uma lamparina que brilhava, preguiçosa, num caritó, o chão era de terra
batida, havia um fogão a lenha num canto onde ardiam algumas toras, ao
lado um guarda-comida e, na outra extremidade, uma mesa pequena de
madeira com duas cadeiras e um tamborete à volta.

— O moço estava indo pra Garça, mulher, mas com a chuva teve de
parar na estrada.

O homem, pude vê-lo bem agora à luz da lamparina, teria quando
muito quarenta anos, era magro e rijo, a barba rala dando uma certa im-
pressão de sujeira, e tinha os olhos miudinhos e espertos.

— Ah... — fez a mulher, olhando para mim apalermada.

— Ofereci pra ficar aqui por hoje, inté de manhã, quando então...

— Só não temos conforto, seu moço — disse a mulher encarando-me
com um sorriso constrangido.

— Não faz mal, senhora — respondi —, eu nem queria dar incômodo
nenhum, e só aceitei mesmo porque passar a noite dentro do carro não
seria nada agradável.

Então nos apresentamos, “eu me chamo Hermínio” disse, e acrescentei “sou corretor, e estava indo na Fazenda das Graças a pedido do proprietário para avaliar e vender as terras”. Fiquei sabendo que o homem se chamava Alcino e a mulher Dulce, estavam casados havia quase quinze anos tendo vivido ali desde sempre, “o sítiozinho é nosso mesmo, não sabe?”, e cultivavam o próprio alimento, pouca coisa vindo de fora.

Alcino puxou uma cadeira e disse-me para sentar um pouco “enquanto sai um caldo aí, pra fortalecer”. Sentei-me e apoiei-me à mesa com um cotovelo, sentindo então de uma só vez o cansaço que começava a amolecer-me o corpo.

Não tardou, Dulce aproximou-se com pratos e um grande caldeirão de ferro enegrecido pelo fogo a lenha dentro do qual fumegava uma substanciosa sopa de legumes, e o depositou no centro da mesa. Enquanto Alcino ocupava um tamborete, retornou a mulher com um pão numa travessa de barro.

— O pão é a Dulce mesma quem faz — o Alcino informou. — Muito prendada, não sabe? — e sorriu enquanto começava a servir-se, estimulando-me a fazer o mesmo.

Nesse momento escutei passinhos miúdos no espaço entre a cozinha e a casa e vi surgirem à porta duas crianças: um menino magriço de uns nove anos e uma menina loirinha de no máximo doze, ambos com os cabelos úmidos. Devo dizer que a aparição das crianças não me surpreendeu porque assim que entrei na cozinha não deixara de escutar suas vozes num cômodo adjacente, e pelo ruído que faziam não duvidei de que estivessem no banho. Ao darem comigo pararam e ficaram olhando-me com visível timidez, hesitando entre voltar e entrar de vez na cozinha. Dulce então virou-se para os dois:

— Já acabaram o banho?

Fizeram que sim com a cabeça, olhando ora a mãe, ora a mim.

— Então cada qual pega sua tigela, que já vou botar pra vocês.

As crianças decidiram-se por fim a entrar na cozinha, correram até o guarda-comida, de onde retiraram cada um uma tigelinha de ágata e, munindo-se também de uma colher se aproximaram da mesa e esperaram que a mãe lhes fosse servir. Em seguida foram sentar-se no chão, ao lado do fogão, e puseram-se a comer animadamente.

Passava um pouco das dez quando o Alcino levou-me até o quarto onde pernoitaria: era um quarto pequeno e sem janelas, mas muito limpo, pegado ao galpão, portanto separado da casa e independente, “aqui o senhor vai se sentir mais à vontade, não sabe?” ele disse. No aposento havia apenas a cama com lençóis que, pela aparência, teriam sido trocados há pouco; e uma mesinha quadrada e baixa à feição de criado-mudo, sobre a

qual o Alcino deixou a lamparina e uma caixa de fósforos, “para o caso duma precisão” disse — e se retirou, deixando-me só.

Como, apesar da chuva, não fizesse frio, tirei a calça e a camisa e, seminu, estirei-me na cama, apagando a lamparina. No escuro, enquanto não sobrevinha o sono — apesar do cansaço, não tinha sono —, pus-me a escutar os sons da noite na roça, coisa a que não estava habituado. Não nego que, como experiência, pareceu-me não apenas novo mas agradável: o pesado silêncio que tão logo se fez prontamente encheu-se de sons — ruídos suaves que acalentavam: aqui e ali o cricrilar dos grilos, o rumor do vento brando nas folhagens mais próximas, a água da bica nos fundos da casa, o canto de algum pássaro noturno na mata como se viesse de muito longe, vez por outra estalidos na madeira do forro, e assim por diante.

Entretive-me durante um bom tempo prestando atenção até que, em dado momento, escutei pancadas de leve na porta do quarto. Admito que não me dei conta de ser alguém batendo à porta — não sei a que atribuí então aquele som delicado — a não ser quando as pancadas se reproduziram, agora um pouco mais fortes.

Sobressaltei-me então, imaginando que o Alcino por algum motivo retornava e, enquanto riscava um fósforo e acendia a lamparina, disse em voz alta:

— Um instante! — e achando desnecessário vestir-me (afinal entre homens seria uma formalidade inútil) apenas escondi-me atrás da porta no momento de abri-la.

No entanto, para minha surpresa, não era o Alcino quem batia: mal abri a porta, entrou no quarto a menina que vira há pouco na cozinha. Ela entrou, olhou para mim e disse, algo reticente:

— Eu vim...

Não nego meu embaraço diante da criança, pois eu estava apenas em cuecas, e mantendo a porta entreaberta disse:

— Bem... e... o que há?...

A menina continuou olhando diretamente para mim, mas sem qualquer constrangimento e até mesmo com uma expressão levemente divertida no rosto.

— Não há nada — disse, dando de ombros —, vim ficar com você.

— Ficar...? O quê?!!

Então ela se abriu num sorriso:

— Vim ficar com você — disse, e no instante seguinte, para meu espanto (ainda que “espanto” não dê uma idéia precisa do meu estado naquela hora), a menina levou a mão aos ombros, desfez o laço das alças de seu vestidinho deixando-o cair a longo do corpo e exibiu-se para mim, *inteiramente* nua.

— Mas... o que você está fazendo? — eu disse. — Saia já daqui...

A menina não fazendo caso sentou-se na cama, sempre encarando-me e agora com uma expressão claramente divertida no rostinho miúdo. Com um gesto jogou os cabelos para as costas e continuou fixando-me, sem nada dizer.

— Bem — eu disse com determinação —, se você não sai, eu vou chamar os seus pais para verem isso — e, abrindo por completo a porta, fiz menção de sair.

— Eu não faria isso se fosse você — ela disse com tranqüilidade, e eu recuei.

Olhei para ela cada vez mais espantado:

— E por quê? — eu disse com rispidez.

— Meu pai é muito bravo, e não iria acreditar em você se dissesse que eu tirei a roupa por minha vontade.

Assombrado com a malícia da criança fechei a porta devagarinho e encostei-me nela.

— Por que não vem logo para cá? — disse a menina.

— Então seu pai não acreditaria em mim? — eu disse, tentando “pegá-la” em falso. — E como você explicaria que veio *por sua vontade* ao meu quarto?

— Eu diria que tinha ido na *casinha* e que você estava lá e me chamou para vir aqui — e abriu um sorriso surpreendentemente lindo e inocente.

— Na casinha? — perguntei meio desconcertado.

— Na casinha — ela confirmou, sempre sorrindo.

A garotinha se saíra bem e eu pude perceber a extensão de sua insuspeitada malícia: em sua cabecinha diabólica tramara uma mentira capciosa, qual seja, levantando-se para ir ao banheiro — que ficava pegado à cozinha, basta lembrar que foi ali que, ao entrar, eu escutara a algazarra que faziam durante o banho — dera comigo e eu a induzira a acompanhar-me ao quarto, talvez para mostrar-lhe alguma curiosidade, o que decerto também lhe passara pela cabeça...

Balancei a cabeça custando-me crer no que acontecia.

— Deixa de ser bobo — ela disse —, você não vai mesmo chamar meu pai, que eu sei. Por que não vem logo? Ou vai passar a noite em pé aí na porta?

— E por que seu pai não acreditaria que você tirou a roupa por sua própria vontade? — insisti. — Se eu a forçasse, você poderia gritar por socorro...

— Mas você é muito mais forte do que eu, e cobriu minha boca com as mãos.

Procurei manter a calma e mostrar-lhe autoconfiança. Disse:

— Ouça, menina, eu quero dormir. Diga você o que disser, eu vou sair agora e chamar o seu pai aqui. Vamos ver se ele acredita ou não no que eu lhe contar.

Mas a menina não se impressionou:

— Se você abrir essa porta — ela disse — eu começo a fazer um berreio tão grande que pai e mãe vão acordar e vão correr pra cá. E olha que eles já estão até roncando.

Eu, que levava a mão à porta para abri-la, recuei e encarei a menina buscando algum sinal de que estivesse brincando, mas não estava: olhava-me agora com seriedade, o tronco soerguido em atitude de desafio, os olhos fixos em mim.

Em seguida, deitou-se na cama e embrulhou-se no lençol.

— Deixa de ser bobo — repetiu, a expressão divertida outra vez iluminando-lhe as feições — e vem logo para cá.

Tomei então a única atitude que me pareceu cabível: avancei para a cama, puxei o lençol de cima da menina, agarrei-a e a coloquei no chão, de pé, apanhando em seguida o vestido e jogando-o sobre ela.

— Vista-se e saia daqui — disse com irritação, deitei-me dando-lhe as costas e me cobri. Voltei-me de súbito para ela, ainda de pé no mesmo lugar. — Continua aí? Pois bem — e com um sopro apaguei a lamparina —, fica no escuro.

E voltei a cobrir-me.

No instante seguinte, porém, aconteceu: a menina, mansamente, sentou-se na cama, curvou-se para mim pondo a mão em meu braço, depois deitou-se ao meu lado puxando parte do lençol sobre si.

Senti seu corpo miúdo, cálido e macio encostar-se ao meu. Senti seu hálito morno e sua mãozinha delicada acariciar-me o peito, descer, invadir meu *short* e tocar-me com cuidado, como quem sabe o que faz. Eu já não resistia: a menina fez que eu me deitasse de costas e pôs-se sobre mim, deixando-se penetrar lentamente. Então não me contive: abracei-a com força e arrebatamento, e a fiz gritar — de dor, de prazer.

Eram três da manhã quando ela deixou meu quarto.

Amanheceu.

Às sete abri a porta do quartinho e saí. Notei fumaça na chaminé, ouvi vozes, mas não foi sem apreensão que me aproximei da cozinha tardando, propositalmente, os passos.

O Alcino apareceu à porta e saudou-me com um ar jovial, inquirindo-me do colchão, “colchão de capim, não sabe, para o senhor que deve estar acostumando a cama macia”. Repliquei que me sentira confortável, “a cama é boa” respondi ainda sem jeito, relanceando as vistas, imaginando se ele não percebera nada.

Não, não sabia de nada.

— Dormi bem — acrescentei, as mãos nos bolsos, girando sobre os pés e olhando em volta.

— Mas venha para cá — ele disse —, vem tomar o café, não sabe?, depois o senhor segue viagem.

— Ah, sim, aceito — e me pus à vontade. — Um cafezinho pela manhã não é de se enjeitar.

Entrei na cozinha.

A menina, sentada no tamborete ao lado do fogão, tomava café. Olhou-me com indiferença e deu uma dentada no pão sem se importar com minha presença. O menorzinho sentara-se no chão ao lado do tamborete e também tomava café.

Sentei-me à mesa com o Alcino, a Dulce trouxe a chaleira com café e as canecas; retornou com a travessa de pão e um pote de manteiga caseira.

Ao despedir-me da Dulce apertei-lhe a mão com desenvoltura, agradecendo a hospitalidade, fiz uma carícia nos cabelos da menina, que se abraçara à cintura da mãe e brinquei com o menorzinho, saindo em seguida com o Alcino, que me acompanhou até o carro.

— Com o sol que vai fazer, a viagem vai ser tranqüila — disse o Alcino olhando o caminho ainda úmido.

— Bem, se a estrada continuar como até aqui dá para chegar — eu disse, e abri a porta do carro.

— Sim — confirmou o Alcino —, não é pior não.

— Ah, Alcino — eu disse antes de entrar no carro, como uma lembrança de última hora —, sobre o pernoite, o incômodo, a despesa... devo alguma coisa a vocês?

— Ah, seu moço, eu ia mesmo tocar nesse assunto, não sabe? — ele respondeu tirando o chapéu e retorcendo-o um pouco sem-jeito —, o senhor não repare...

— Está visto que não, Alcino — respondi, solícito, para deixá-lo à vontade. — Afinal, se não fosse por vocês...

— É que o pernoite, não sabe?, mais a refeição, o café, isso não custa nada não, não sabe?, é de coração, é para ajudar a pessoa...

— Bem, sendo assim...

— Porém tem a garota, não sabe?, a nossa menina...

Estremeci, olhando o Alcino nos olhos, tentando compreender...

— Sim — eu disse —, o que é que tem a sua filha?

— É o uso que o senhor fez dela, não sabe?, isso sempre tem um custozinho...

Senti-me gelar por dentro. Mas não me dei por achado:

— Mas, Alcino, não compreendo...

— Compreende sim, seu moço, compreende sim... e não se avexe não, que ela faz por gosto... mas a gente sempre acha que, por ela, vale alguma coisa, não sabe?, criança dá muita despesa... é mais pra elazinha e pro mais pequeno, que por nós mesmos...

Baixei a cabeça abismado.

— Mas o moço não se avexe não — e amassava o chapéu nas mãos, sem-jeito —, que é do agrado dela...

— Quanto? — perguntei com segura.

— Ah, bom... quanto o moço achar que valeu... deve ter sido do vosso agrado, pois foi inté bem tarde, n'ê?...

Abri a carteira e tirei um punhado de cédulas, notas de cinqüenta, de cem — quanto havia naquele punhado? Não sei, não contei, não me lembro —, tirei um punhado de cédulas e pus na mão do homem, que amarfanhou tudo e meteu no bolso, pondo o chapéu na cabeça com um sorriso agradecido.

— Na volta, seu moço, não se avexe não, se quiser pousar de novo...

Sem olhar para ele outra vez entrei no carro, liguei o motor e arranquei.

Uma historinha sórdida

Ela, para o namorado:

– Não ligo pra sexo.

E, diante do espanto dele:

– Não sou chegada.

Como ele ainda não dissesse nada, acrescentou:

– Você gosta, não? Isso talvez seja um problema...

Quando conseguiu falar, lembrando-se de que ela já vivera alguns meses com um homem, ele disse:

– Mas e com seu ex?

– Quase não rolava... Ele ficava aborrecidíssimo.

Doutra feita ela lhe falou de um adultério.

– O quê?!!

– Ele me traiu. Então também o trai.

Ele pensou em responder que um erro não justifica o outro, mas calou-se.

– Quando ele viajava a trabalho eu saía pra ficar com outra pessoa.

Ele se recorda do começo do namoro.

No primeiro dia, ao tentar beijá-la, fora repellido:

– Você é casado, Marcelo...

– Separado, Samara.

Minutos depois ela mesma tomava a iniciativa de lhe exhibir os seios e abrir-lhe a braguilha.

– Quero fazer uma coisa que nunca fiz – havia dito, abaixando-se.

Chupou-o com voracidade.

“Nunca fez?”, e moveu a cabeça querendo acreditar – sem poder.

No encontro seguinte ela se mostrara reservada, quase submissa:

– Tive medo do que fosse pensar de mim...

Ele preferiu não pensar.

– Casa comigo – ela pediu com doçura na voz.

A idéia pareceu-lhe agradável, e o tom de ingenuidade sugeria uma espécie de reencontro com a pureza.

“As pessoas podem mudar” considerou.

Pois parecia não ter juízo nenhum, feito uma criança com essa idéia de casamento.

— Você me conta coisas, assim também não quero lhe esconder nada — ela disse numa ocasião em que ele admitira uns pecadilhos.

Isso lhe agradou.

A sinceridade é a base da confiança, ocorreu-lhe, apesar de tal frase não passar de um chavão.

E a este acrescentou — para si mesmo — outro: “Sem confiança o amor não é possível.”

— Fiquei com o Rangel — ela confessou sem lhe dar mais tempo. — O instrutor de aeróbica, conhece?

Ele sentiu o impacto, mas assimilou.

Devia ser assim no ringue, quando um boxeador recebe um direto no queixo mas não cai.

— Ouça, Samara — ele disse —, nada do que você fez até hoje me diz respeito. Não nos conhecíamos, não tem que justificar-se de nada.

E foi sentencioso, embora delicado:

— Mas a partir de agora devemos explicações um ao outro.

Aquela história do Rangel, contudo, não lhe saía da cabeça e, dias depois, numa sala de bate-papo na *net*, ele disse:

— Não entendo, o Rangel é casado, com filhos pequenos... certamente não pretendia largar a família para assumir com você... por que se envolver com uma pessoa assim?

— Mas foram só quatro vezes — ela respondeu, julgando esclarecer bem o caso.

“Só!”

Tentava explicar-se:

— Digamos que naquele dia eu tivesse muuuuuita urgência em fazer...

“Urgência? Mas se não é chegada...”

— Sabe que ele dava três em seguida, e só tirava de dentro pra trocar a camisinha?

Ela havia mesmo digitado aquilo?

— No entanto me apaixonei foi por você.

Sim, digitara.

— Casa comigo.

Ela insistia, mas ele já andava de pé atrás.

Num fim de tarde procurou-a em casa, no colégio, na *lan house*, na aeróbica, não a encontrou.

— Peguei uma carona com o Rangel até a academia — ela explicou no dia seguinte.

— Mas estive à sua espera na academia até as oito.
— Chegamos um pouco mais tarde e fui direto pra aeróbica.
Era preciso aceitar a explicação: ou aceitava, ou sumia.
Aceitou.

E a certa altura Samara dera para afirmar que com ele aprendera a gostar de sexo, descobrira o prazer, e quando não estavam juntos tocava-se, fazia sozinha...

— Mas você teve experiências — outra vez no *chat*, querendo mesmo era dizer: “Você já deu pra Deus e o mundo, que papo é esse então?”.

E ela:

— Não boas.

E reiterava que fora com ele que conhecera o amor, o prazer...

— Antes eu nem sabia fazer sozinha...

Amava-a?

Não sabia, pensava às vezes que não mas sentia sua falta e, mesmo que intimamente já se sentisse acossado pela dúvida, dizia para si mesmo que “as pessoas podem emendar-se” e que “o que ela fez antes de nos conhecermos não é da minha conta” e que “talvez eu esteja me precipitando em tirar conclusões” e blá blá blá...

Porém, se desde o começo percebera nela “qualquer coisa”...

Falhas de caráter que evitava reconhecer: por exemplo, a mentira — e, com habilidade, contornava sua dúvida, quase se esquecia dela.

Mas em algum momento teve de admitir:

“Ela mente o tempo todo! Por quê?”

E havia os *points* para encontros noturnos que ela parecia conhecer bem: as margens de um riozinho escuro, uma casa em ruínas num local afastado do centro, atrás de uns tabiques numa obra perto da estação...

“Deus do céu, com quantos ela já terá ido a cada um desses lugares!”

E se lembrou do dia em que a havia procurado por diversos lugares e ela falara de uma carona com o Rangel...

“Então foi isso!...”

— Já fez anal?

Ele se espantou (não estavam no *chat* dessa vez).

— Deve ser muito ruim, não? — acrescentou rindo-se, enquanto ele dizia que “não, Samara, nunca”, mal disfarçando o encabulamento.

Agora as reiteradas propostas de casamento, que pouco a pouco passaram a tornar-se uma incômoda exigência, associavam-se à indisposição dela com a própria família.

Por exemplo, a mãe: Samara simplesmente não se ajustava com a mãe.

— Casamento é coisa séria — ele replicava —, não é decisão que se tome assim — e tentava fazê-la entender, mas seus argumentos, muito justos e oportunos, iam chocar-se contra uma muralha de incompreensão.

Tempos depois ela voltou à carga:

— E anal?

Mas estavam em casa dessa vez, ele recebeu que os pais dela ouvissem e a conversa encerrou-se por aí...

...Até um dia em que ela pediu:

— Bota atrás?

E garantiu:

— Eu nunca fiz assim.

A penetração no entanto fora fácil e indolor.

Aliás, ela fizera tudo, sabia como fazer, embora continuasse afirmando que fora a primeira vez. E no final:

— Eu gosto — ela disse, experiente, satisfeita.

“Será que ainda pensa que me engana?”

Samara reclamava dos pais...

— Eles não gostam de mim.

...do irmão adolescente:

— Esse pirralho!... — dizia com irritação.

E:

— Não posso mais viver nesta casa — dizia, pouco faltando para obrigá-lo a uma decisão: ou casava ou era o fim de tudo!

“Ela só quer livrar-se da família.”

Diante de sua recusa começaram as brigas.

Aliás, as brigas já vinham acontecendo — mas recrudesceram.

Deixara de confiar nela.

Toda a confiança, a bem dizer, se esvaíra há muito...

O fim tornou-se inevitável, mas na última mensagem para seu celular, como quem se vinga, Samara fora taxativa:

— Agora pelo menos eu posso sair com quem quiser, quando quiser, ir pra onde quiser!

“Pode dar pra quem quiser, quando quiser e onde quiser, é o que você quer dizer...”

Andando pela cidade quieta certa madrugada, Marcelo vê a própria sombra alongar-se à sua frente, depois desaparecer, reaparecer, alongar-se outra vez, num jogo interminável com as luzes da iluminação pública.

Sente o vento nos cabelos.
Está só, mas vez por outra lembra-se de Samara.
— Teu corpo para mim é um templo — dissera-lhe certa vez.
Ela, porém, o transformara numa pocilga.
O coração ainda se contrai, mas ele suspira.
“Que puta!”
E cospe para o lado, com nojo:
“Que grandessíssima puta!”

O visitante daquela tarde

Abri a porta e ele entrou, sem sequer olhar para mim cruzou o vestíbulo e atravessando a sala foi encolher-se num canto. Parecia apavorado.

Hesitei durante alguns segundos, surpreso com a invasão, mas achei melhor primeiro fechar a porta e girar a chave — o que de mais acertado podíamos fazer então era estar em casa com portas e janelas fechadas — para depois apurar o acontecido, conquanto já desconfiasse da verdade desde que ouvira passos apressados fora, no corredor.

Eram tempos difíceis aqueles: quase todos os dias as ruas eram batidas pelos soldados; caminhões desfilavam lentamente ao longo das avenidas e os homens de farda vasculhavam cada recanto com suas armas, com sua autoridade estúpida, com sua insana crueldade.

A velha Europa estava esfacelada; abatia-se dia a dia a tragédia feito saraiva sobre milhões de seres humanos arrastados para a perdição; nada se mantinha indene e mesmo os escombros eram vasculhados para ver se nada restara a ser destruído! Não obstante, eu ainda tinha de haver-me com a minha própria tragédia, que fizera de mim não apenas um homem solitário e arruinado mas sobretudo incrédulo, e ainda que de minha dor se possa dizer menor que a daqueles que perderam tudo, quem sabe até a humanidade mas não a vida — mas quantos até mesmo a vida! —, é com um natural egoísmo que reflito na inequívoca verdade de que a dor particular é sempre maior que a de todos os outros.

Faz muito tempo desde então, envelheci, mas muito antes disso parti daquele lugar, pois quando a paz retornou já não havia lá qualquer interesse ou atrativo para mim. Berlim não era apenas uma cidade morta, destróçada pelos bombardeios e pela irracionalidade do ódio: corrompida até o cerne, contaminara-se com o Mal até a estrutura de seus alicerces, jamais deveria ter sido reconstruída — que a aniquilassem de vez até não ficar pedra sobre pedra, que se reduzissem depois seus destroços a pó num ato de lucidez, mas então prevaleceu mais uma vez a insanidade.

No entanto, ainda hoje quando me lembro daquela tarde parece-me inacreditável que no centro do Inferno pudesse ter brotado, ainda que para durar apenas um instante, um jardim — viçoso e pleno de encantamento e ternura —, recôndito e irrecuperável, a não ser pela memória viva e ávida de boas lembranças.

Assim, voltei-me para dentro e só então trocamos um breve olhar: assustado, ele moveu-se, tentou encolher-se ainda mais contra a parede no canto da sala e permaneceu quieto, de olhos baixos.

Caminhei até a janela e entreabri a cortina: pela rua passava um comboio e soldados a pé espiavam para o alto dos edifícios.

Deixei a cortina fechar-se outra vez:

— Nada de chegar à janela — eu disse em tom de advertência —, podem acabar desconfiando. — Fui até o canto e o tomei pela mão: — Sente-se ali — e indiquei uma velha poltrona cujo forro já se via puído em vários lugares. — Você parece faminto. Vou trazer-lhe algo para comer.

Momentos depois retornei trazendo numa bandeja um prato com ovos estrelados e pedaços de carne, a metade de um pão e um copo de leite. Arrastei a banquetta do piano para servir de mesa e pus a bandeja diante dele.

— Coma — eu disse, e fui sentar-me na poltrona que ficava defronte.

Pus-me a observá-lo.

Comeu em silêncio, de boa vontade, parecia mesmo faminto e estava sujíssimo, mas em maneiras — no uso dos talheres, no jeito de sentar-se, de mastigar — que destoavam de suas roupas e de sua aparência, denotava pertencer a uma família de boa sociedade e que lhe dera educação apurada. Nada falamos enquanto comia, eu apenas o observava e ia aos poucos descobrindo-o...

Uma figura começou a formar-se em minha cabeça: minha mente redesenhava uma imagem querida e delicada que até então eu vira apenas na superfície de uma tela, uma pintura da qual, para não afastar-me dela depois de estar diante do original por um longo tempo, tal a impressão que me causara, adquirira uma cópia fotográfica: refiro-me a um Cupido pintado por William-Adolphe Bouguereau em 1891. O quadro de Bouguereau retrata um menino de doze ou treze anos, nu, de cabelos castanho-claros, encaracolados e longos; o menino, corpo magro e sinuoso num lânguido e gracioso requebro, apóia-se sobre a perna direita enquanto a esquerda está à frente, ligeiramente fletida, um pé sobre o outro e os braços cruzados diante do peito como abraçando-se a si mesmo, de forma que cada mão apóia-se no ombro contrário; a cabeça reclina-se para o ombro direito e a face apóia-se no dorso da mão que aí repousa. O cupido olha para o espectador numa atitude de tímida e doce inocência, a transparecer — ainda que de maneira sutil — o Amor que suas flechas inocula.

O garoto que eu tinha diante de mim também tinha treze anos e a semelhança era tão extraordinária que me deixou perplexo: o formato do rosto, a conformação dos lábios, os olhos grandes e o jeito penetrante de olhar, e até os cabelos, embora um pouco mais curtos que os da pintura, tinham a mesma cor, os mesmo anéis...

— Mais? — perguntei quando o vi afastar a bandeja, o prato vazio.

Ele moveu a cabeça numa negativa e, por um momento, ficou sem saber o que fazer. Tranqüilizei-o:

— A poltrona é velha mas confortável. Relaxe e descanse.

O menino olhou para mim como se não compreendesse bem o que eu dizia, parecendo ao mesmo tempo repentinamente receoso, mas aos poucos pareceu relaxar e recostou-se sem, contudo, deixar de olhar-me.

— Qual é o seu nome? — quis saber.

— Dan — disse baixando os olhos, como que embaraçado ao pronunciar o próprio nome.

— Daniel? — perguntei, mas ele moveu a cabeça.

— Dan — repetiu.

— Dan — eu disse assentindo. — Pois muito bem: Dan — e sorri para ele.

Levantei-me, apanhei a bandeja e levei para a cozinha. Voltei à sala, repus a banqueta do piano em seu lugar e sentei-me novamente à frente dele.

— E os seus pais? — perguntei. — Por que andava sozinho por aí?

À minha pergunta o menino sobressaltou-se chegando quase a soerguer-se, e olhou apreensivo para a janela.

— Fique tranqüilo — eu disse. — Está em segurança aqui, pelo menos por enquanto. Qual a sua idade?

— Treze.

— E os seus pais? Conte-me o que houve com eles.

— Foram levados — disse em voz baixa evitando encarar-me e não parecendo tranqüilizado.

Compreendi: levados, sim, levados para algum campo de concentração, a essa hora estariam mortos — e ele também, se não tivesse conseguido escapar. Então contou-me que certa noite soldados haviam chegado ao seu esconderijo. “Vivíamos escondidos num porão” ele disse, “havia quase um ano que vivíamos ali”. Como foram descobertos? Alguém os delatara, era o que se podia supor, e então os soldados apareceram. Ele, que não fora visto, conseguira escapar pelo subsolo e, de volta à superfície, assistira de longe seus pais e sua irmã de dezesseis anos sendo levados: não mais que isso, apenas isso — no meio da noite, levados para a morte.

— E quem eram os seus pais? Onde residiam?

Dan mencionou um nome de família e um lugar, e eu vi que não me enganara: o menino pertencia a uma das mais ricas e conhecidas famílias de Berlim e residira num dos melhores bairros.

Disse ainda que uns tios pouco tempo antes haviam sido levados também e que uma prima de sua mãe tentara fugir com o marido e os filhos, “mas não tivemos mais notícias deles”.

— Vivo me escondendo por aí desde então — disse. Ao terminar sua breve história encarou-me por alguns momentos e depois, mais confiante, recostou-se na poltrona: o cansaço começava a dominá-lo, fechou os olhos e em pouco dormia profundamente.

Levantei-me então e fui até minha pequena biblioteca: um cômodo estreito onde pusera algumas estantes abarrotadas de livros. Aí, na única parede vazia eu pendurara a reprodução do Cupido de Bouguereau e, entreabrindo a janela para ter mais luz, pus-me a observar a pintura. A cópia fotográfica, conquanto não estivesse em cores, era de excepcional qualidade e num tamanho que permitia ver com clareza os menores detalhes.

Quanto tempo estive ali? E em que pensamentos abismava-me, absorvido na semelhança entre o menino da pintura e o menino que dormia agora em minha casa?

Saí de mim quando ouvi baterem violentamente na porta da frente e uma voz autoritária gritar de fora uma ordem para abrir.

Corri para a sala e vi o garoto de pé, o pavor empalidecendo-lhe as feições enquanto se repetiam as pancadas na porta e a ordem para abrir.

— Ali, no quarto — cochichei ao ouvido de Dan —, esconda-se embaixo da cama — e um minuto depois eu girava a chave na fechadura abrindo a porta.

À minha frente deparei alguns homens de farda que me pareceram completamente estranhos, até que uma voz familiar me despertou:

— Eu não disse, sargento? Aqui é a casa do professor.

Era um jovem claro e risonho com espinhas na cara quem falava. O outro, à frente do grupo, abriu-se então num sorriso quase obsceno e vi u'a mão estender-se para mim:

— Ah, é o professor — e aquela criatura brutalizada tornara-se momentaneamente quase humana outra vez. — Como vai, professor?

Lembrei-me então daqueles dois: haviam sido meus alunos no ensino médio, um dos quais — o jovem de espinhas na cara, que se chamava Frank — ainda havia menos de um ano me procurara para umas aulas de reforço, pois — dissera-me — pretendia ingressar na universidade no ano seguinte.

Do que posava agora de sargento com aquela ridícula cruz gamada na lapela do blusão eu me recordava como um dos piores alunos que haviam passado por mim: desinteressado, pouco inteligente, baderneiro, seu tanto afável e brincalhão mas às vezes cruel com os novatos. “Encontrou onde melhor desenvolver sua crueldade” pensei enquanto apertava-lhe a mão com um sorriso amigável.

— Eu não disse, sargento? — tornou o jovem de espinhas na cara. — O professor é gente nossa.

— Então não está na universidade, Frank? — perguntei.

— Depois que tudo isso acabar, professor — ele disse —, depois que fritarmos todos os malditos judeus. Hoje mesmo estamos atrás de um fugitivo.

— É isto, professor — disse o sargento assumindo um ar de importância. — Temos um compromisso com a História.

— Sem dúvida, meus caros — eu disse com dignidade, concordando com um movimento de cabeça —, e, vejam... A verdade é que mal sei exprimir o orgulho que sinto... em tê-los tido como alunos... Foi uma honra!

O sargento fez-se ainda mais sério. O outro baixara os olhos com gravidade. Os demais, que eu não conhecia, permaneciam calados.

— Soubemos de sua perda, professor — disse Frank. — Sentimos muito

Então foi minha vez de mostrar um traço de sofrimento enquanto movia a cabeça devagar.

— Que idade tinha a menina, professor? — perguntou o sargento.

— Catorze — eu respondi —, acabara de completar catorze.

— Eu cheguei a conhecê-la, e mesmo a conversar com ela duas ou três vezes — disse Frank. — Nem tenho palavras...

Forcei um sorriso:

— Não tem remédio, meu jovem, há coisas que temos de aceitar para continuar vivendo.

Todos estavam agora muito sérios, o cenho franzido, compenetrados de seu dever de se mostrarem graves e compreensivos. Representavam bem seu papel, talvez até mesmo sendo sinceros em seus sentimentos, ainda que saíssem dali para perseguirem inocentes que executariam sem qualquer contemplação.

— Bem, professor — disse por fim o sargento —, temos de ir.

Inteiriçou-se, estendeu o braço, pronunciou as palavras...

Imitei-lhe o gesto e respirei aliviado quando o som de seus passos se perdeu andares abaixo. Então fechei a porta e voltei para dentro:

— Dan — chamei —, pode sair.

O menino apareceu na porta do corredor.

— Não é seguro para você permanecer aqui.

Ele não respondeu, de cabeça baixa encarou-me com seu jeito enviesado de olhar.

— À noite sairemos — eu disse. — Teremos que atravessar boa parte da cidade, será perigoso, mas como estará escuro se tomarmos cuidado conseguiremos passar.

— Vai me levar para onde? — ele quis saber.

— Um pequeno grupo parte hoje à meia-noite. Você vai com eles.

— Prefiro ficar.

Aproximei-me dele e, com uma carícia, soergui-lhe o rosto:

— É uma pena — eu disse —, mas é perigoso para você e para mim. Tivemos sorte ainda há pouco, pois o comandante da guarnição foi meu aluno e julga-me “um deles”. Mas minha casa já foi revistada algumas vezes.

Como o menino ainda se mantivesse hesitante, acrescentei para tranquilizá-lo (conquanto eu mesmo não pudesse ter certeza do que dizia):

— Com essas pessoas estará seguro.

Toquei-lhe os cabelos:

— Então! Ânimo. Tome um banho, você está precisando, e depois deite-se. Descanse enquanto esperamos a noite.

Dan fez que sim com a cabeça, arranjei-lhe água quente e dei-lhe um roupão meu, “por enquanto vista-se com isto, suas roupas estão péssimas. Depois, veremos”.

— Fique comigo — ele disse momentos mais tarde, já deitado, ao verme caminhar para a porta do quarto. — Ainda estou com medo.

Voltei e sentei-me no chão ao lado da cama. Deitado de bruços, Dan estendeu a mão para mim. Segurei sua mão e assim estivemos muito tempo: conversamos, falamos de banalidades e algumas vezes o vi sorrir, ele me contou sua vida em família, falou-me de sua irmã e de seus pais, e ao lembrar dos acontecimentos seus olhos umedeceram-se... Mas pouco a pouco foram-se fechando e o menino por fim adormeceu em minha cama. Soltei sua mão com cuidado para não despertá-lo, ajeitei o cobertor e voltando para a sala continuei com a tarefa que me ocupava antes de sua chegada: anotações para um livro que pretendia escrever sobre o que estava acontecendo no mundo. Vez por outra, porém, eu me levantava da escrivaninha e pé ante pé chegava à porta do quarto. Punha-me então a observar o menino adormecido, maravilhado com sua inesperada presença em minha casa e já entristecendo-me com sua partida para tão breve. Às vezes também voltava à biblioteca para olhar a reprodução do Cupido e mais uma vez confirmar a extraordinária semelhança entre ambos.

Já escurecera por completo quando encerrei minhas anotações naquele dia.

Vendo-me entrar no quarto, Dan sentou-se na cama.

— Ainda é cedo — eu disse. — Sairemos às nove, levaremos bem uma hora e meia até o lugar onde devo deixá-lo. Mas até lá, continuamos aqui.

— Quem são essas pessoas? — ele perguntou.

— São gente de confiança — eu disse —, têm ajudado fugitivos. Um pequeno grupo vai partir hoje à meia-noite. Não será fácil, mas o caminho é seguro. Agora vou preparar uma refeição para nós, não convém viajar de estômago vazio.

Eu estava ocupado com umas latas de conserva e uns nacos de carne que pusera a cozinhar, e vasculhava uns pacotes à procura de um pão quando, de súbito, uma coisa me chamou atenção: havia música na sala!

Atravessei o corredor de um salto: Dan estava ao piano, tocava — não como um aprendiz, não como um mero estudante, mas com a técnica de um pequeno virtuose. De costas, não percebeu minha chegada e eu pude ouvi-lo até o fim quase ainda sem acreditar no que estava acontecendo: Dan executava com delicadeza e perfeição o primeiro movimento da Patética, de Beethoven. Ao terminar, despertando de seu devaneio e movido por certa desconfiança, voltou-se e deu comigo à entrada da sala. Teve medo de uma repreensão e se pôs de pé rapidamente, permanecendo de cabeça baixa.

Fui até onde ele estava:

— Meu Deus, meu Deus — murmurei conchegando-o a mim num amplo e envolvente abraço, um gesto (um símbolo!) no qual eu desejaria poder retê-lo *ad aeternum* comigo, “Deus do céu, o que esses demônios fariam com essa criança!”.

Dan permaneceu em minha companhia enquanto, sentado à escrivaninha, continuava a trabalhar pondo em ordem minha papelada. Sentara-se em uma almofada, no chão, e recostando-se a mim pousara a cabeça em meu colo voltando a adormecer.

Às oito, despertei-o.

Meti todos os papéis numa pasta, joguei a pasta no fundo de uma gaveta, e me levantei, tomando-o pelas mãos.

— Temos de prepará-lo.

— Eu só tenho aquelas roupas — ele disse.

— Poderá levá-las numa trouxa, mas para sair daqui teremos de improvisar.

O menino acompanhou-me de volta ao quarto e eu abri o guarda-roupas. Ocorrera-me uma idéia que poderia dar certo e então virei-me para falar-lhe. Dan havia despido o roupão, estava nu.

Não pareceu embaraçado, antes fui eu que me atrapalhei um pouco para, em seguida, recuperando o sangue-frio, aproximar-me e com uma carícia em seu rosto sorrir.

— Vem comigo — disse, tomando-o pela mão e conduzindo-o à biblioteca. — Veja — e indiquei o quadro.

Dan não pareceu impressionado: olhou o quadro com interesse mas sem nada dizer nem surpreender-se com a semelhança.

— Poderia ser um retrato seu, se não tivesse sido pintado há cinqüenta anos — disse, passando-lhe o braço pelos ombros.

— Quem pintou?

— Um artista brilhante — respondi. — Era francês, chamava-se Bouguereau. O original encontra-se num museu na França. Este quadro é apenas uma cópia fotográfica.

Olhei uma vez mais para o quadro e de novo para Dan:

— Mas você não disse nada. Não gostou?

— Gostei.

— Não acha parecido com você?

— Um pouco, talvez...

Sorri, conchegando-o mais a mim.

— Não — eu disse —, não é só um pouco. Você e ele são quase iguais — e ainda com o braço ao redor de seus ombros comecei a apontar as semelhanças, ora olhando o quadro, ora voltando-me para ele e à medida que falava tocando-o com a ponta dos dedos nos lábios, no nariz, na curvatura das sobrancelhas...

— E então? — perguntei. — Está convencido.

Ele deu de ombros e baixou os olhos com um sorriso. Em seguida levantou-os de novo para mim:

— Deixe que eu fique — pediu.

Senti apertar-me o coração.

— Se fosse possível — eu disse —, se não houvesse perigo para você...

Dan compreendia que era impossível ficar. Abraçou-me e pousou a cabeça em meu peito. Corri meus dedos por seus cabelos e assim estive-mos por algum tempo até que, por fim, me dei conta de que o tempo não esperava e logo seria hora de partirmos.

— Vamos — eu disse então —, não convém nos demorarmos mais.

De volta ao quarto expliquei o que tinha em mente:

— Vou vesti-lo com algumas roupas de minha filha que ficaram aqui.

Segurei seu rosto entre minhas mãos:

— Não será difícil fazê-lo passar por uma mocinha.

— Onde está sua filha?

— Também foi levada. Tinha a sua idade.

— Eles...?... Eles a levaram?

Movi a cabeça:

— Não, não eles...

— Então quem?

— No inverno passado o frio foi muito intenso. Um dia ela teve febre... No começo apenas um pouco de febre... mas depois veio a tosse... e a febre aumentou... — senti uma contração na garganta e virei o rosto, afastando-me de Dan. — Foi tudo tão rápido... nunca vi nada igual, e antes mesmo de findar o inverno...

Dan a princípio não se moveu, depois avançou e tomou minha mão fazendo com que mais uma vez eu o conchegasse a mim, abraçando-o com força.

— Mas — eu disse ao fim de algum tempo — não há mais o que esperar.

E então teve começo a operação de transformá-lo numa menina, o que mais do que simplesmente isso foi para mim um ritual amoroso.

Começamos com a escolha do vestido, e o mais indicado para a ocasião, pois seria praticamente invisível à noite, era um vestido azul-marinho com mangas compridas e forradas com lã para dias frios. Encontrei também uma touca, conveniente para encobrir-lhe os cabelos que não chegavam a ser longos como os de uma menina; um par de luvas de seda igualmente forradas de lã e um par de botins de couro para proteger os pés e facilitar a caminhada através das ruas atulhadas de escombros.

Havia também que escolher a roupa-branca, o que longe de ser um exagero parecia-me essencial; haviam restado em casa algumas peças nunca usadas, peças muito finas e delicadas de renda e seda que lhe cabiam à perfeição — e assim comecei a vestir aquela nudez que despertava em mim devaneios aos quais evitei entregar-me em tais circunstâncias, experiência de tal forma perturbadora que não me vejo capaz de descrevê-la com exatidão, ou melhor, poderia descrevê-la sim com a exatidão de um processo porém omitindo seu verdadeiro significado, sem o qual esse processo não passaria de uma atividade mecânica, vazia, desprovida de qualquer sentimento. Mencionar as peças que eu ia encontrando no armário que pertencera a minha filha e separando aqui um lenço, ali uma calçola, em seguida uma delicada combinação de cetim... referir como ele vestia as peças mas com certa falta de jeito acabava por fazer daquilo uma coisa engraçada, e então requeria que eu lhe ajeitasse a gola ou o laço de um cordão, e ainda como se lembrara de que “como serei uma menina se não tenho peitos?”, sendo porém — retruquei-lhe — que a ausência de seios não seria um problema pois uma menina de treze anos ainda os terá pequenos de forma que pouco ou nada aparecem sob um vestido volumoso; enfim, falar dessas pequenas e numerosas minúcias sem, no entanto, revesti-las da verdadeira impressão que me proporcionavam não é suficiente para transportar para esta página a suave e delicada grandiosidade daquela hora, ao passo que para descrevê-la necessitaria de palavras que não se repetissem, que não fossem comuns sem todavia descair para um pedantismo tosco e dessa maneira escapassem à trivialidade dos significados como uma linguagem divina — aquela que somente faria sentido nos lábios do pequeno deus Eros.

O ritual chegava ao fim e então o ajudei a calçar as meias e os botins, que pareciam ter sido feitos sob medida. Finalmente compus-lhe os cabelos e sobre eles ajeitei a touca, que preendi com um cordãozinho de cetim sob o queixo.

Faltava dar-lhe um pouco de cor às faces com carmim, que também apliquei com a ponta dos dedos nos lábios para realçar a boca e tornar as feições ainda mais femininas.

— Calce estas luvas — disse ao final, e então contemplei minha obra: Dan se transformara numa linda adolescente, e essa linda adolescente sorriu para mim. — Falta uma coisa — e apanhei no fundo do armário uma sacola de couro na qual enfiei a roupa que ele vestia ao entrar em minha casa. — Suas roupas — eu disse —, não podemos esquecê-las, certamente vai precisar delas mesmo no estado precário em que estão.

Dan segurou a sacola, parecia divertido com o que fazíamos como se não tivesse medo algum agora, e o perigo que iríamos correr em pouco era como se não o preocupasse, ou não se apercebesse dele.

— Vamos — eu disse.

Atravessamos a sala, o vestíbulo e saímos para o corredor às escuras.

— Temos de descer cinco andares — expliquei em voz baixa — quase totalmente no escuro. Precisamos ter cuidado com as escadas e temos também de evitar barulho. Ainda há moradores no prédio, não devemos chamar a atenção de ninguém, e muito menos de alguma patrulha que por acaso esteja por aí.

Descemos os andares desertos às apalpadelas, embaixo atravessamos o saguão em direção à saída onde me detive por um momento, retendo o menino atrás de mim enquanto espreitava para a rua. Com os freqüentes bombardeios Berlim estava reduzida quase a ruínas e, sem energia elétrica, as noites eram (para nós) favoravelmente escuras: no quarteirão seguinte somente duas ou três lâmpadas esparziam uma luz amarelada e fraca formando minúsculas ilhas de claridade de longe em longe no breu da noite. Do outro lado da rua, porém, havia uma lâmpada acesa no pátio do prédio defronte de forma que, ali, era impossível não nos expormos — ainda que por poucos instantes.

Recuamos um pouco para o interior do saguão, e então pus a cabeça fora da porta inspecionando a rua: não se via movimento algum, nenhum ruído denunciava a presença de pessoas.

— Creio que estamos seguros — disse em voz baixa, inclinando a cabeça para o menino —, podemos ir.

Nesse momento ouvimos uma voz às nossas costas — uma voz que não me era estranha, pois ainda naquela tarde eu a havia escutado:

— Parece-me que esta jovem não é sua falecida filha, professor.

Senti-me gelar por dentro mas procurei manter a calma. Voltei-me devagar e vi a dois passos de mim, que viera do fundo do saguão expondo-se à escassa claridade proveniente da rua, o jovem de espinhas na cara que fora meu aluno. Frank empunhava um fuzil provido de uma ameaçadora baioneta e fazia-se acompanhar de outro soldado, muito jovem, que ficou à retaguarda à distância de um passo.

— Por certo que não, meu rapaz, pois como você disse minha filha está morta, coisa aliás sobre o que conversamos ainda nesta tarde, logo não

poderia estar aqui. Esta é Anne, filha de meu irmão que está doente e mandou chamar-me.

— Ah... Mas professor, o senhor parecia preocupado, pois somente após espiar bem a rua disse à mocinha aí que estavam seguros e que podiam ir em frente, como se estivessem cometendo uma ilegalidade...

— Bem... — eu tentei dizer, mas o rapaz avançou um passo de forma que a ponta da baioneta quase tocava meu peito:

— ...além do que, professor, estivemos aqui toda a tarde e não vimos entrar ninguém, donde presumo que sua “sobrinha” — e acentuou com uma inflexão de ironia a palavra “sobrinha” — já estava em sua casa quando lá batemos por volta das duas horas. O senhor não acha que se demorou demais para atender a um familiar doente, que o manda chamar talvez às pressas?

O rapaz fez uma pausa, decerto avaliando o efeito de suas palavras sobre mim.

— O senhor não está dando fuga a uma maldita prostituta judia, está, professor?

Então agi com uma rapidez que a mim mesmo espantou, tanto pela temeridade do ato quanto pelo pleno sucesso que obtive: segurei e desviei o cano da arma com uma das mãos e com a outra, lembrando meus tempos de pugilato, golpeei-o com toda a força no queixo. Frank caiu sobre o companheiro, que lhe ficara atrás, atrapalhando a reação que este pudesse ter (conquanto devido a sua juventude e inexperiência, pego de surpresa, tive a momentânea impressão de que não reagiria de forma alguma). No instante seguinte, tend0 com minha manobra me apossado da arma e sem dar-lhe tempo de recuperar-se espetei-lhe bem fundo a baioneta na garganta calando de uma vez por todas qualquer alarme que tivesse intenção de dar. Em seguida voltei-me para o outro, que tentava recompor-se e, ao perceber meu gesto, levantou os braços para receber a baioneta em pleno peito. Golpeei em seguida às cegas inúmeras vezes os dois corpos caídos no chão até ter certeza de que não viviam mais.

Estariam agindo por conta própria, ou haviam sido designados para vigiar-me? Fosse como fosse, estavam ali apenas os dois, do contrário não teríamos qualquer chance. Agarrei Dan pela mão, “vamos logo” disse, e a passos rápidos o puxei rua afora. Uns cem metros adiante livreime do fuzil num bueiro aberto e em seguida investimos numa jornada perigosa pelo labirinto de ruas quase totalmente mergulhadas na escuridão da noite.

Parávamos às vezes para descansar, mas como o tempo fosse escasso retomávamos a marcha ainda ofegantes, quando então eu dizia ao menino “é preciso resistir, você não pode fraquejar agora se quiser viver” e ele, em resposta, apenas apertava minha mão e continuávamos nossa corrida.

Três ou quatro vezes tivemos de esconder-nos de patrulhas que passavam varrendo a noite com seus faróis à caça de remanescentes negros ou judeus, conquanto já fossem raros em Berlim naqueles dias. Nessas ocasiões nos enfiávamos em qualquer fresta de muro ou porta aberta e, com o coração aos saltos, esperávamos as luzes, os passos, as vozes desaparecerem ao longe para retomarmos a marcha.

Aproximávamos do nosso destino quando aconteceu.

Chegáramos a um descampado à orla do qual parei e apontei para o vulto de um edifício a cerca de cem metros à nossa frente. Havia apenas uma lâmpada acesa numa esquina ao longe, de forma que ainda estaríamos protegidos pela escuridão se avançássemos.

— Veja — eu cochichei ao ouvido de Dan —, aquele é o prédio. É lá que...

Foi tudo rápido demais: brotando do nada aviões despejaram suas bombas sobre a cidade, a noite iluminou-se com as explosões e encheu-se de gritos. A reação da artilharia anti-aérea, estrategicamente disposta desde os primeiros bombardeios um ano antes, foi imediata mas inútil, pois nenhum avião inimigo foi abatido. Tive tempo de agarrar-me ao menino e atirar-me no chão, arrastando-me — e ele comigo — até perto de uma parede na tentativa de nos proteger. As ruas encheram-se de gente espavorida que emergia dos edifícios bombardeados e corriam de um lado para outro sem saber ao certo para onde ir. Surgiu uma patrulha tentando inutilmente chamar a população à ordem enquanto os bombardeiros retornavam e largavam nova carga, e uma vez mais os clarões iluminaram a cidade.

Por fim, exceto pelo vozerio das pessoas que ainda corriam e se afastavam espavoridas e pelo alarido das patrulhas ao longe, a noite pareceu aquietar-se e mais escura ainda se fez.

— Dan — eu disse levantando-me, ainda protegido pela parede e ajudando o menino a pôr-se também de pé —, os aviões parecem ter ido embora. Aproveita a confusão, meta-se no meio do povo e corra até aquele edifício, suba ao terceiro andar e bata à porta nº 8. Dê-lhes isto — e entreguei-lhe meu anel. — Eles saberão que fui eu que o enviei e tratarão de protegê-lo.

— Não vai comigo?

— Não posso — disse, e expliquei: — Sou pessoa conhecida e não posso ser visto... já andavam de olho em mim... os soldados que deveriam vigiar-me vão ser encontrados logo... se me vissem aqui acabariam ligando uma coisa a outra... você entende? Diga-me, você entende, não é?

— Não vai comigo...

— Pobre criança, eu não posso...

Deu-se então o inesperado: Dan enlaçou-me o pescoço num abraço e beijou-me a boca, mas que beijo foi aquele? Que beijo poderia ser mais

doce e perturbador que aquele num momento assim quando a morte nos rondava tão de perto?

Beijou-me e, separando-se de mim, correu, meteu-se entre a multidão desordenada e não o vi mais.

Mas inesperadamente os aviões retornaram — ou seriam outros, como saber? — com uma terceira carga e diversas bombas caíram no descampado. Vi então com olhos de pavor corpos projetados aos pedaços em todas as direções. Desesperei-me e, já não me importando em ser visto e reconhecido naquele lugar, atirei-me no meio da tremenda confusão que se formara tendo em mente apenas encontrá-lo, recuperá-lo, saber que não estava ferido... No entanto senti-me de súbito arrancado do chão e atirado para cima, e perdi os sentidos...

Abri os olhos num cômodo de paredes brancas, e já era dia. Debruçada sobre mim, uma mulher gorda e de meia-idade parecia atenta em examinar-me.

— Hum, bom — ela disse —, parece que não há nada de errado com este aqui...

Sentia-me tonto ainda, mas tentei sentar-me na cama:

— Senhora... senhora...

— Acalme-se — disse a mulher sorrindo-me —, está tudo bem agora.

— As bombas... eu...

— Sim, sim, as bombas, mas você teve sorte, meu caro, sofreu apenas alguns arranhões.

— Havia um men... uma menina... havia uma menina comigo...

— Não encontramos nenhuma menina próxima do senhor — disse uma outra voz, e no meu campo de visão apareceu um homem magro e alto, vestindo um jaleco branco. — Sua filha? Sinto muito, mas é impossível saber... por causa das explosões... Eu mesmo participei do resgate dos feridos.

— Uma menina de vestido escuro — eu dizia com esforço, pois sentia todo o corpo dolorido. — Com uma touca... calçava botins de couro...

— Acalme-se agora — tornou o médico —, como eu lhe disse...

Fez uma pausa, avaliando o que iria dizer, e por fim:

— Houve muitos mortos, meu caro, a menina de que fala, sua filha, não?, pode não ter sido atingida e escapado... mas... — e fez um gesto significativo com as mãos. — Agora é tratar de recuperar-se.

Dois dias mais tarde, ainda com dores por todo o corpo, recebi alta e não tive um momento de dúvida em ir até aquele lugar.

Atravessei o descampado olhando aqui e ali e temendo a qualquer momento encontrar um vestígio, uma das botinas que ele calçava, por exemplo, com um pé dentro... mas não encontrei vestígio algum. Entrei

depois no edifício, subi ao terceiro andar e fui bater à porta do nº 8, mas a porta estava aberta e no apartamento não havia ninguém.

Procurei por algum morador, mas já não havia moradores no prédio.

Desci as escadas, saí, cruzei de volta o descampado sempre temendo encontrar um vestígio qualquer, comigo essas perguntas — essas mesmas perguntas — que até hoje me faço: Dan teria saído ileso do bombardeio? Teria sido colhido e despedaçado por uma bomba ou conseguira chegar ao edifício? Nesse caso, o pequeno grupo que fugiria naquela madrugada conseguira mesmo fugir ou, apesar da rota bem planejada, teriam sido apanhados?

Nunca mais estive com nenhum daqueles meus conhecidos, não sei que vida levaram após aquela noite, não sei se houve para eles um “após aquela noite”...

A guerra ainda duraria quase três anos, e quando acabou eu percebi que era um estrangeiro em minha própria terra, não me restando alternativa a não ser reunir as migalhas que haviam sobrado de minha vida e partir.

Parti.

Viajei.

Instalei-me em algum lugar e continuei a vida como professor. Mas não escrevi o livro que pretendia. Parecia-me penoso demais falar do Inferno depois de ter saído dele.

Preferi preservar na memória a lembrança daquela tarde miraculosa e criar para ela um final feliz, ainda que esse final tenha de existir apenas em minha imaginação.

Três senhoras numa tarde de setembro

As três senhoras estavam reunidas outra vez, depois de um ano, na sala de estar da fazenda, tomando café em xicrinhas de porcelana enquanto conversavam.

Nossa anfitriã, dona Tereza Medeiros, aproveitara a ocasião para retirar da cristaleira o precioso aparelho de chá que acompanhava a família havia gerações. A outra senhora, dona Carlota Fraga, residia em terras da fazenda, a uns poucos quilômetros da sede, numa casinha com janelas verdes tendo em frente um jardim que floria o ano todo. Mamãe, que também crescera naquele lugar mas na juventude mudara-se para a cidade, havia adquirido maneiras citadinas e por isso sentara-se muito ereta na cadeira de palhinha enquanto se servia num gesto solene durante o qual se fez silêncio.

Lembro-me bem daquela tarde.

Eu me sentia naturalmente feliz quando íamos para a fazenda, mas minha lembrança fixou-se principalmente porque havia então muita luz, o sol entrava em jorros pelas vidraças invadindo os mais distantes recantos do vasto cômodo, e também porque fora ouvia-se apenas o latido dos cães na distância, e no mais apenas o silêncio — esse silêncio, essa quietude da roça sempre cheia dos mínimos ruídos campestres que eu, menina sorumbática e retraída, a dar comigo mesma pelos cantos, aprendera a amar.

Aquele reencontro das três amigas de infância após um ano de ausência de mamãe tinha um significado especial para elas: exatamente um ano antes as três também estavam ali, não sozinhas como agora, mas com muita gente em casa, e não tranquilas a tomar café em xicrinhas de porcelana, mas ocupadas em atender a todos, pois velava-se o corpo do velho Sobreira, que havia morrido aos oitenta e nove anos enquanto dormia. Disseram que o coração, já enfraquecido, simplesmente parara de bater e que ele morrera “como um passarinho”.

O corpo do velho Sobreira jazia num caixão de cedro posto sobre a mesa, tendo à cabeceira dois castiçais de prata cujas velas brancas muito longas queimavam devagar. Enfeitavam-lhe o funeral flores simples colhidas no campo, que os amigos e conhecidos da família traziam, conquanto

dona Carlota também tivesse contribuído com um bonito ramalhete de seu jardim. As mãos do morto, de dedos longos e finos, estavam cruzadas sobre o peito, mãos essas, dedos esses que eu, a certa altura naquele dia tumultuado, aproximando-me do caixão, fiquei olhando tomada de vagas recordações...

Sobreira era um amigo de moço do pai de nossa anfitriã, passara toda a vida naquelas terras onde fizera seu pé-de-meia e que também ajudara a administrar com um especial tirocinio; não chegara a casar-se, e com o falecimento do pai de dona Tereza tornou-se uma espécie de mentor — e quase tutor — para ela, filha única que desposara um negociante sem qualquer afinidade com as lides de uma fazenda, e que vivia viajando a negócios.

A casa, como não podia deixar de ser, enchera-se de amigos e conhecidos, o dia foi de azáfama, a noite longa, durante a qual os presentes se revezavam à beira do féretro enquanto era servido café com rosca, até que, na manhã seguinte, após o sepultamento, esvaziou-se de tal forma que — lembro-me bem, embora fosse uma menina de apenas doze anos a espiar dos cantos — aquelas mesmas três amigas entreolharam-se abismadas, como que a não acreditar que tal quantidade de pessoas pudesse desaparecer assim, tão rapidamente!

— Viveu bastante — disse mamãe após levar a xícara aos lábios com seu jeito comedido de mulher de educação refinada. — Porém — acrescentou olhando ora dona Tereza, ora dona Carlota —, tantos vivem mais...

— Pois então! — exclamou esta última. — Um primo de papai morreu aos noventa e oito!

Dona Tereza suspirou.

— Foi um segundo pai para mim — disse.

Dona Tereza, que contava agora quarenta anos, perdera o pai aos vinte e se vira sozinha, quase desamparada: solteira ainda, não fosse a presença e a força do Sobreira, não teria sabido o que fazer da casa, da vida.

— Eu só vim a conhecer o Horácio dois anos depois — disse, referindo-se ao marido que, por sinal, se encontrava como de costume ausente naquela tarde.

Queria com isso dizer que, por ser filha única e com pouca experiência, valera-se da companhia do velho Sobreira, então com sessenta e nove anos, e também dos seus conhecimentos. Bom administrador, bom amigo, não apenas ajudou-a a cuidar da fazenda como também lhe ensinou como fazê-lo.

— E era querido por todos — mamãe comentou.

— Sim — confirmou dona Carlota. — Todos o tinham como uma espécie de conselheiro.

Pois nos últimos anos tornara-se comum ver-se a figura miúda do velho Sobreira transitar com passos vagarosos mas seguros ao longo dos caminhos e parar, aqui para conversar com algum colono que oportunamente lhe pedia orientação de como tratar uma rês adoentada ou um conselho para tornar mais produtivo certo trecho de terreno; ali a dizer algum gracejo ingênuo a uma moça que passava, e que lhe respondia com um sorriso envaidecido; e mais adiante, num quintal, aceitar um convite para o almoço, ou para passar a tarde “enquanto o sol não refresca, seu Sobreira”, não raro — como é costume no interior — os pais mandando os filhos pequenos “tomar-lhe a bença”.

— Um doce de criatura — disse dona Tereza Medeiros com um sorriso, parando a xícara próximo aos lábios e balançando a cabeça de leve, os olhos perdidos para frente.

E as três amigas, sentadas em volta da mesa, prosseguiram sua conversa e seu café, suas lembranças do velho e bondoso Sobreira, mas eu já não estava ali: aproximara-me de uma das vidraças e ficara espiando o dia lá fora, a tarde luminosa. Depois, esgueirando-me devagarinho que não fosse notada, saí para a varanda.

E então aquela lembrança pertinaz, estando eu só e naquela parte da casa, clara e nítida se fez, e me senti estremecer.

Caminhei ao longo da varanda banhada em sol, aproximei-me da velha poltrona de couro e detive-me, olhando para ela como se ainda pudesse vê-lo ali, o velho Sobreira, recostado em sua almofada como naquele mesmo dia, meses antes de sua morte...

A um passo a mesa, agora com um vaso de flor sobre uma toalhinha de crochê cor-de-rosa; mas então estava ali apenas um baralho bastante gasto com o qual eu começara a brincar...

Porque naquele dia, um dos últimos dias das férias escolares que eu viera passar na fazenda com mamãe, eu ficara como de costume sozinha comigo mesma quando saí para a varanda e me encaminhei até a mesa na qual haviam esquecido o baralho, e comecei a brincar com as cartas.

Atrás de mim, na poltrona, entre suas almofadas, o velho Sobreira parecia cochilar, gozando os últimos raios de sol.

Recordo-me de que eu, nesse dia, vestia uma saia que me deixava metade das coxas à mostra, e, tendo completado doze anos há pouco, na blusa já começavam a apontar os seios, muito incipientes ainda, pequenos mamilos a atreverem-se sob a malha colante...

Estava de tal forma distraída com as cartas, separando-as por naipe, que não ouvi qualquer rumor às minhas costas.

Apenas senti...

...e me imobilizei, apoiando as mãos crispadas sobre a mesa a apertar fortemente as cartas e, tensa, quedei-me sem qualquer reação.

Senti um toque numa das coxas, uns dedos finos e mornos roçando-me de leve a pele, num gesto como que ao mesmo tempo audaz e temeroso, um gesto que por um momento brevíssimo deteve-se como que à espera de uma resposta — que não houve.

Então os dedos avançaram por minhas pernas acima, explorando-as devagar e ainda um tanto irresolutos.

O que fiz, a não ser entreabrir as pernas e deixar que os dedos avançassem? Por que não repeli aquele gesto? Por que não me afastei apavorada?

Por que simplesmente fechei os olhos?

Agora os dedos tocavam minha calcinha e o pequeno volume do meu sexo, buscavam vencer a barreira do tecido puxando-a para baixo, e em seguida um dos dedos infiltrou-se entre minhas nádegas e parou, como se mais uma vez hesitasse.

O que deveria eu fazer para que a hesitação cedesse lugar outra vez à coragem? Inteiriçada como estava relaxei os ombros, abri os dedos sobre a mesa e as cartas caíram de minhas mãos, um pouco abaixei os quadris numa concessão...

...e então senti o dedo fino do velho Sobreira invadir-me a carne, minha vagina, lentamente mas com segurança até o fundo, e mover-se dentro de mim indo e vindo, indo e vindo, indo e vindo...

Quanto tempo aquilo durou?

Em dado momento pareceu-me que meu corpo se dissolvia e, com ele, tudo à minha volta. Então soltei um gemido baixinho, prolongado...

Quando dei por mim e me volvei, o velho Sobreira havia recolhido a mão ao colo, recostara-se outra vez em suas almofadas e com os olhos fechados parecia cochilar...

...mas um tênue sorriso errava-lhe pelos lábios descorados e murchos.

O silêncio das águas

eu a amei com a força de uma tempestade de granizo quando a ventania uiva no beiral e faz estremecer as paredes da casa amei-a assim desde o primeiro instante em que a vi no começo do verão

eu estava na sacada do meu quarto esperando para ver quem desceria do automóvel reluzente que acabara de estacionar defronte à entrada se seriam como nos anos anteriores as mesmas pessoas sérias enclausuradas em seus mundos rígidos e sombrios e então ela saltou a criança o anjo e foi como se o verão se fizesse de súbito mais luminoso e ardente

mas é preciso falar primeiro do bosque
as colinas o arvoredo o lago silencioso e suas águas profundas além do jardim

o bosque era imenso e passando as aléias que circundavam o casarão começava a floresta entre a qual o risco sinuoso de uma vereda

as raízes que se elevavam do chão grossas e ásperas os pedregulhos que rangiam sob nossos sapatos quando caminhávamos por ali

a descida difícil onde era preciso andar com cuidado

por fim o lago o pequeno ancoradouro o bote de madeira com remos ao fundo as águas quase imóveis a refletir o céu e as árvores muito velhas de troncos retorcidos que haviam crescido nas margens

este o lugar nosso mundo íntimo o paraíso do qual nos apropriaríamos naqueles dias

porém o anjo

chamava-se Lara e tinha onze anos eu doze

verdade é que eu poderia falar dos adultos também

ela era órfã e viera com uns tios para um temporada e eu vivia no casarão com meus pais com eles apenas pois não tinha irmãos e ninguém mais habitava aquela casa tão grande e tão triste

poderia portanto falar também dos adultos mas não importa basta dizer que os tios dela e os meus pais eram amigos de mocidade que se reviam após muito tempo de separação basta dizer que eu estive sempre só na casa enorme e fui apenas uma sombra no bosque imenso por isso não é necessário falar dos adultos

então amei a criança que iluminou os porões de minha solidão

pois como não me encantaria com seus cabelos loiros e encaracolados que caíam até o meio das costas os grandes olhos azuis o rosto alvo

sarapintado de pequeninas sardas o sorriso feito um alvorecer em que cantam pássaros

os adultos ficariam então metidos em casa falando de coisas sérias enchendo o ar com as baforadas de seus charutos bebendo seus *whiskys and rocks* e até suas distrações com receitas de bolo na cozinha e partidas de bilhar no salão de jogos seriam fingidas

pois nós nos internaríamos em nosso mundo particular na extensão do jardim na vastidão do bosque nas sombras do arvoredo e ali estaríamos a salvo

e o verão avançaria devagar com seus dias longos e tardes de crepúsculos intensos durante os quais nos perderíamos na paisagem

e foi entre as árvores à beira do lago que pela primeira vez nos despimos e nuas contemplamos com assombro nossos corpos infantis mais brancos e imaculados quanto mais intenso o verde na espessura da mata

nossos peitinhos começavam a despontar tímidos feito flor que ainda não desabrochou e espera pelo sol da manhã e não tínhamos pêlos

Lara era só um pouco mais baixa e tinha pernas roliças coxas grossas nádegas redondas e firmes e eu mais magra mas não feia crianças como nós nunca são feias

nossa nudez uma passagem secreta um caminho uma via segura para o sem-tempo

então nos abraçamos

fez-nos estremecer um arrepio a eriçar nossa pele mas não à fresca aragem que movia os ramos próximos e de nossas bocas pudemos colher o sabor das amoras silvestres que avermelhavam nas moitas

então beijei seus mamilos e seu umbigo e afundei minha língua na acre-doce fenda entre suas pernas sentindo-a abrir-se e estremecer

eu mesma depois oferecendo-lhe meus mamilos para seus lábios minha fenda para sua língua penetrante

e na nossa nudez pudemos longamente dormir sobre as folhas secas depois tínhamos o barco e com o barco também o lago e eu que sabia remar quis ensinar-lhe

é perigoso ela disse com visível receio olhando ora para mim ora para o espelho imóvel das águas

não eu disse o barco é sólido eu sempre venho remar

você vem sozinha

sim venho sozinha

e ela perdeu o medo e eu lhe ensinei e quantas vezes cruzamos o lago e quantas vezes também deixando o barco por si mesmo a brisa a agitar nossos cabelos nos sentávamos uma ao lado da outra e eu introduzia a mão sob seu vestido e Lara reclinava a cabeça em meu peito

ouvia-a arfar e às vezes via lágrimas correrem por suas faces e nesses momentos sentia seus dedinhos buliçosos apertar com força minhas coxas quase a entrar-me na carne

era esse o nosso jogo de amor

como se não fosse ter fim

pois quando voltávamos para casa lá íamos encontrar os adultos com ares taciturnos e conversas cheias de seriedade os adultos que mal nos olhavam a não ser para perguntar se havíamos comido direito escovado os dentes limpado as unhas ou fazer qualquer advertência às vezes uma censura e até recomendar um agasalho como se num verão assim fosse preciso algum agasalho voltando em seguida para seu mundo grave e cercado de muros

não

não tínhamos lugar nesse mundo sombrio por isso durante o verão construíamos um mundo próprio para nós feito de nossa nudez da amplidão do bosque e do silêncio das águas



pena eu ter de ir embora Lara disse um dia quando no alto de uma colina tingíamos nossa pele com as cores do crepúsculo

e foi assim como uma geleira desabando sobre meu coraçãozinho frágil que eu me dei conta de que o verão estava chegando ao fim e de um salto levantei-me dei as costas para o pôr-do-sol olhando na direção contrária o vulto escuro do casarão ao longe suas paredes altas suas torres onde já enegrecia a noite

e não o casarão mas a solidão entre suas paredes pareceu-me um cárcere vasto e frio ao qual eu seria compelida a voltar

estarei presa outra vez entre suas grades de sombra disse baixinho

Lara não me ouviu tinha no fundo dos olhos o disco vermelho do sol e no corpo nu o bronze de sua luz

ajoelhei-me outra vez ao seu lado

não quero que você vá eu disse

eu gostaria de ficar ela respondeu mas não posso

por quê

ela baixou a cabeça um momento depois olhou para mim sorriu

eu volto no próximo verão

o próximo verão está muito longe fica

Lara moveu a cabeça e continuou sorrindo divertida

já não me amia disse com uma certeza que me sufocava embargando-me a voz

você sabe que eu a amo muito muito
mas quer partir
não não quero
então fica
seu sorriso alargou-se como se minha súplica mais a divertisse
prometo que volto no próximo verão
e ficamos nos olhando muito tempo ela sorrindo eu desnorteada e
tonta
e seus dedos tocaram minha face num carícia fugidia



mas Lara e eu estávamos ligadas por algo muito mais forte que as razões dos adultos suas necessidades mundanas os motivos pelos quais se despediriam e partiriam levando-a para longe de mim deixando meu paraíso em pedaços

na véspera de partir voltamos uma vez ainda ao lago levando uma merenda refresco de morango e fatias de bolo num cestinho de vime coberto por uma toalha de linho branco

no meio do lago paramos de remar e deixamos o barco à deriva nas águas porém tão tranqüilas que ele se manteve imóvel

e ficamos ali quietas imersas na paisagem e havia um sentimento de despedida entre nós mas assim mesmo retiramos a toalha que cobria o cestinho de vime a merenda fatias de bolo refresco de morango

até que Lara adormeceu reclinada na proa a cabecinha resplandecendo ao sol o rosto velado pela sombra de seus cabelos

(não deixara gosto algum no refresco o violento sedativo que pela manhã eu havia furtado no armarinho do banheiro)

no compartimento dos remos havia uma corda que na noite anterior sem que me vissem sair eu viera esconder ali

corda que eu amarrei com firmeza nos meus tornozelos e nos dela e finalmente preendi na âncora

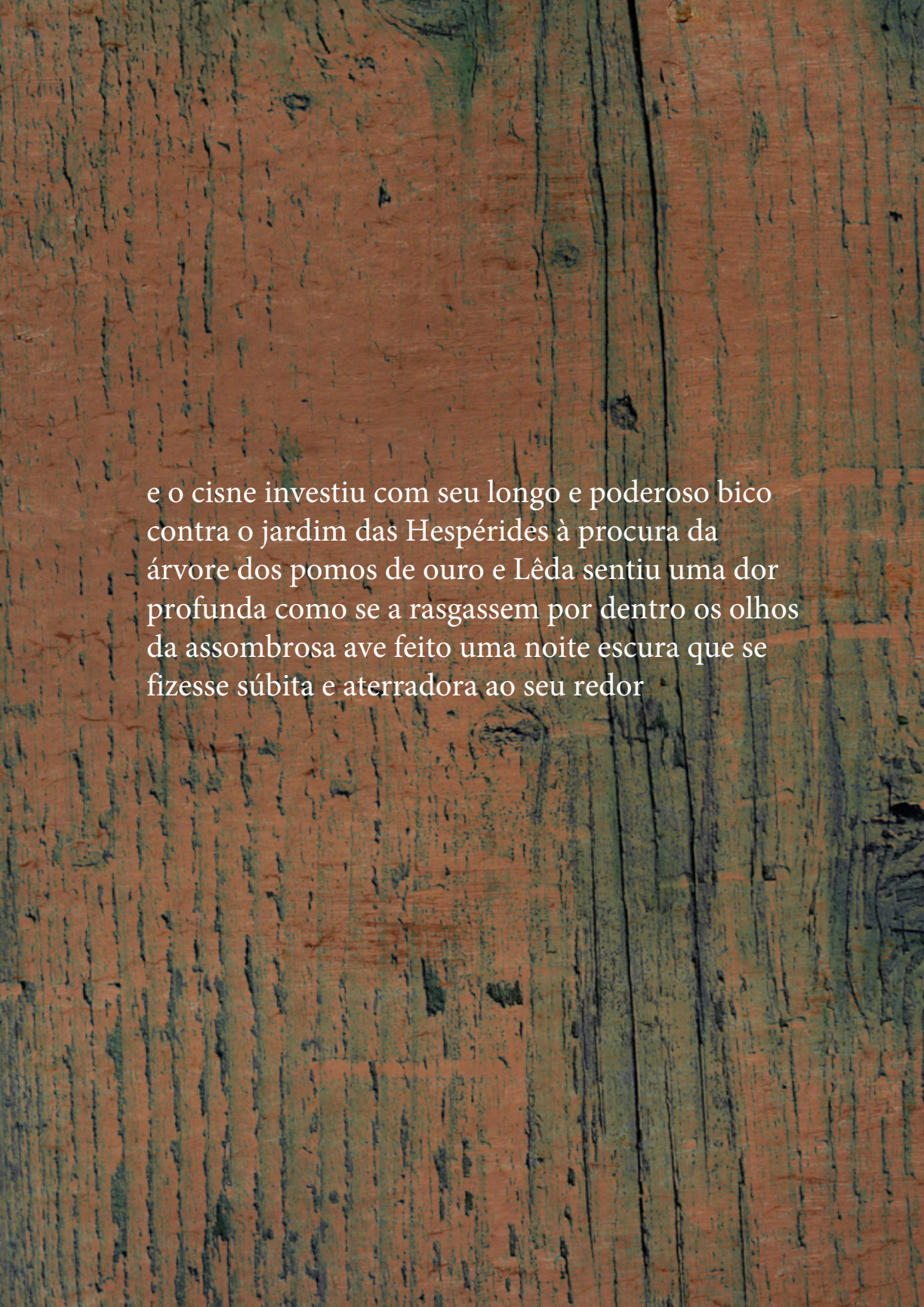
então removi a rolha de cortiça do furo que eu havia feito num ponto pouco visível do casco e tomei também um grande copo do refresco de morango

agora eu me deito ao lado de Lara e já não sinto meu corpo entorpecido pelo veneno enquanto a água morna enche o barco pouco a pouco

meus dedos deslizam dormentes por seus cabelos macios

meus olhos começam a fechar-se porém esforço-me por mantê-los abertos um instante ainda e pela última vez contemplar o lago e o arvoredo ao longe brandamente agitado pela brisa

e o rosto do meu amor que dorme
logo eu também estarei dormindo
logo estaremos ambas dormindo para sempre no fundo do lago



e o cisne investiu com seu longo e poderoso bico
contra o jardim das Hespérides à procura da
árvore dos pomos de ouro e Lêda sentiu uma dor
profunda como se a rasgassem por dentro os olhos
da assombrosa ave feito uma noite escura que se
fizesse súbita e aterradora ao seu redor